

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LUCIANO ANDERSON BREITKREITZ

À SOMBRA DO COLOSSO DA LAGOA:
UMA HISTÓRIA DE FUTEBOL EM ERECHIM

PASSO FUNDO
2013

LUCIANO ANDERSON BREITKREITZ

À SOMBRA DO COLOSSO DA LAGOA:
UMA HISTÓRIA DE FUTEBOL EM ERECHIM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo para obtenção do título de Mestre em História Regional sob a orientação do Prof. Dr. Gerson Luís Trombetta

PASSO FUNDO
2013

Dedicatória

Dedico esta Dissertação a Jéssica França, por sua amorosa compreensão; aos meus pais, Bernardo e Herna, por terem me ensinado a lutar; e aos meus amigos, pela inspiração

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho. O processo que resultou na construção deste sonho certamente contribuiu para o meu crescimento enquanto pessoa. Portanto de certa forma, sou o resultado da confiança e do apoio de cada um de vocês. Mesmo o homem mais seguro passa por momentos de dúvida, vacilo ou de hesitação, e neste momento são seus próximos que o incentivam. Em muitos casos, este incentivo torna-se uma insistência e quando isso acontece percebe-se que uma vitória pessoal também é uma vitória para todos aqueles que o cercam. Agradeço imensamente a todos aqueles que insistiram no meu sonho nos últimos dois anos.

Primeiramente agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Gerson Luis Trombetta, que adotou para si o meu sonho e ajudou a materializá-lo. Estendo os agradecimentos para todos os professores e coordenadores do PPGH da UPF pelo entendimento das minhas limitações e por me auxiliarem a desenvolver todo o processo da maneira adequada. Incluo também o meu agradecimento a todos os colegas do Mestrado, pois há um pouco de cada um através dos debates em sala de aula.

Agradeço aos meus amigos, poderia citar dezenas, mas certamente esqueceria alguns e isto seria extremamente injusto. Por isso faço referência a apenas um: Robson Borges do Santos, e estendo a todos aqueles que passaram pela sua casa nos últimos dois anos e participaram das incansáveis discussões sobre futebol. Ainda agradeço à família Loss por contribuir imensamente e incentivar a divulgação da história do Ypiranga. Também agradeço a todos os associados e dirigentes do Ypiranga FC, que sempre abriram as portas do clube e nunca me privaram de informações. Também é preciso lembrar de todos aqueles que dividem o mesmo ambiente de trabalho, pois os profissionais da comunicação sabem que este ramo de atividade é dos mais competitivos. Muitas vezes exigindo uma carga horária de dedicação exclusiva. Foram nestes momentos que muitos de meus colegas de profissão

souberam ser valorosos concorrentes na busca por informação, e leais amigos no momento em que mais precisei de motivação.

Também se faz necessário agradecer a minha família. Durante o processo de construção desta Dissertação tivemos perdas irreparáveis, fomos surpreendidos por resultados de exames médicos que nunca gostaríamos de ver, foram incontáveis horas em hospitais, mas em nenhum momento isto afetou o desenvolvimento deste trabalho, ao contrário, todos meus familiares se sacrificaram por mim, e desta forma filtraram tudo aquilo que pudesse, de alguma forma me desmotivar. Obrigado a vocês, pais e irmãos. Agradeço também a Jessica França que foi quem primeiro me incentivou a iniciar o Mestrado e, com muita paciência, entendeu as minhas muitas horas de ausência.

Para finalizar agradeço a Deus, por colocar em minha vida todas essas pessoas.

RESUMO

No final da década de 1960 a cidade de Erechim, no Estado do Rio Grande do Sul, viu surgir uma grande obra de ferro e concreto armado dedicada ao futebol. O estádio Colosso da Lagoa, que ainda hoje chama a atenção pela sua estrutura, traz à pauta de discussões uma questão: “O que motivou a construção deste estádio?”. É isto que este trabalho discute. Ele analisa o fascínio que o futebol exerce na sociedade e considera que a maior força motivadora no universo do futebol é a rivalidade.

A pesquisa tem início com algumas considerações gerais sobre o futebol, seu surgimento, sua expansão e sua chegada ao Brasil. Discute o significado de um estádio para o clube e a sua torcida, pois o estádio é muito mais do que uma obra física. Também analisa como o conflito esportivo pode refletir o comportamento de determinada comunidade.

Em um segundo momento é feita uma análise do futebol em Erechim. É avaliado como os imigrantes europeus se organizaram para a prática desportiva. Também são analisados documentos sobre os primeiros registros do futebol na cidade e o nascimento do Ypiranga F.C., bem como o contexto social em Erechim durante a criação do clube

Há ainda uma pesquisa acerca da construção do estádio Colosso da Lagoa, e os acontecimentos que resultaram na grande mobilização local para a realização do projeto. O estudo relaciona a influência da conquista da Copa do Mundo de 1970 pela seleção brasileira com a ação de marketing desenvolvida pelos dirigentes do Ypiranga para angariar sócios e aumentar a renda patrimonial do clube.

O desenvolvimento deste trabalho se deu através de fontes bibliográficas, pesquisa documental em arquivos históricos e arquivos particulares, consultas aos arquivos de jornais e revistas. Também foram realizadas entrevistas com dirigentes do clube à época e cronistas esportivos de veículos de comunicação afetos ao tema.

Palavras-chave: Erechim, Ypiranga, Futebol, Rivalidade

ABSTRACT

In the late 1960s the city Erechim in the state of Rio Grande do Sul, has seen the emergence of a great work iron and concrete dedicated to soccer. The Colosso da Lagoa Stadium still draws attention by its size, and brings to the discussion a question: "What motivated the construction of this stadium?". This paper discusses the fascination that soccer plays in society and believes that the biggest driving force in the world of soccer is the rivalry.

The research begins with some general considerations about soccer, his appearance, the expansion of the sport and his arrival in Brazil. Discusses the significance of a stadium for the club and its fans, in addition to physical work. And as the conflict sports, where a soccer match, is reflected in the behavior of a given community.

In a second step analyzes the soccer Erechim. As European immigrants were organized for sports and the first records of soccer the city. The birth of Ypiranga FC and the context in which it took the creation of the club, and how the rivalry soccer boosted the construction site of the Colosso da Lagoa Stadium. There's even an assessment about the creation of the Colosso da Lagoa Stadium, the events needed for this large and local mobilization for its implementation. The study also relates the influence of the conquest of the 1970 World Cup for Brazil with marketing action developed by the leaders of Ypiranga partners to raise and increase income equity club.

The development of the research was done through literature sources, documentary research in historical archives and private archives, queries to the archives of newspapers and magazines. Was also conducted interviews with club officials and sportswriters at the time of the media sympathetic to the issue.

Key Words: Erechim, Ypiranga, Soccer, Rivalry

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Os onze participantes da reunião de 1863.....	19
Figura 2 - A Tríade da Rivalidade.....	34
Figura 3 - Clube 13 de Maio.....	46
Figura 4 - Equipe do Ypiranga em 1925.....	52
Figura 5 - Material publicitário para divulgação de partida entre Atlântico e Ypiranga	57
Figura 6 - Chácara onde foi construído o Estádio da Montanha.....	62
Figura 7 - Material publicitário para divulgação do Pavilhão Getúlio Vargas....	63
Figura 8 - Vista aérea do Estádio da Montanha.....	64
Figura 9 - Vista do Pavilhão Getúlio Vargas.....	65
Figura 10 - Título Patrimonial do Colosso da Lagoa.....	68
Figura 11 - Reunião da direção responsável pela construção do Colosso da Lagoa	72
Figura 12 - Vista aérea do Colosso da Lagoa em setembro de 1970.....	74
Figura 13 - Material publicitário da Brigada Militar parabenizando pela inauguração do Colosso da Lagoa	88
Figura 14 - Delegação do Internacional descontraída nos corredores do Colosso da Lagoa.....	90
Figura 15 - Gol de Pelé no Colosso da Lagoa.....	91
Figura 16 - Vista aérea do Colosso da Lagoa durante a inauguração.....	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O FUTEBOL.....	16
1.1 – Quadro histórico do surgimento do futebol.....	16
1.2 - A expansão do futebol e sua chegada ao Brasil.....	20
1.3 – Estádio: Uma obra além do concreto armado.....	23
1.4 – Futebol: O campo do conflito.....	30
2. O FUTEBOL EM ERECHIM.....	38
2.1 – Os imigrantes se organizam para a prática esportiva.....	38
2.2 – Os primeiros registros do futebol em Erechim.....	42
2.3 – Nasce um clube patriota.....	47
2.4 – A Rivalidade.....	53
3. NASCE O GIGANTE DE CONCRETO ARMADO.....	60
3.1 – O Ypiranga e seu primeiro estádio.....	60
3.2 – A Construção do Colosso da Lagoa.....	71
4. O ESTÁDIO COLOSSO DA LAGOA E O FESTIVAL DE INAUGURAÇÃO	78
4.1 – A Copa do Mundo de 1970 e o ufanismo no futebol.....	78
4.2 – A Conquista reflete em Erechim.....	83
4.3 - O Festival de Inauguração e a exploração de uma imagem vencedora..	86
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
6. REFERÊNCIAS.....	99

INTRODUÇÃO

O que é o futebol? Para Rubem Alves (2006), o futebol é o circo do mundo. Não há outro esporte que provoque tanta paixão, tanta alegria, tanta tristeza. O futebol dá sentido à vida de milhões de pessoas que através do esporte diminuem a fadiga do cotidiano. É a grande religião ecumênica. Só ateu pode rezar com consciência limpa por uma vitória no futebol.

Ponto de atração e convergência de milhões de pessoas, o futebol coloca no “mapa do mundo” cidades que estariam fadadas aos limites geográficos. O mundo não teria conhecido a cidade de Três Corações se não fosse pelo seu cidadão mais conhecido, Edson Arantes do Nascimento, o “Rei Pelé”. Da mesma forma, o cronista esportivo Milton Neves deixou conhecido nos mais remotos cantos no Brasil a também remota cidade de Muzambinho. Possivelmente poucas pessoas conheceriam a pequena localidade de Pau Grande, se não fosse pelas pernas tortas de Garrincha. A realidade das favelas e comunidades periféricas de grandes regiões metropolitanas chega até a casa de todos os brasileiros, em geral, por duas vias: o jornalismo policial ou a crônica esportiva.

O futebol é uma vitrine no sentido mais amplo da palavra. É perfeitamente possível traçar um mapa econômico do Brasil observando a origem dos clubes da elite do futebol brasileiro. É possível avaliar a importância política deste esporte observando a quantidade de pessoas ligadas ao futebol que ocupam cadeiras de destaque no Legislativo e Executivo em todas as regiões do Brasil. É neste esporte que jovens pobres e com baixa escolaridade conquistam uma oportunidade de ascensão social e se tornam referência em suas comunidades.

Em 1970 uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul foi projetada para o cenário do futebol internacional. Mas, ao contrário de centenas de outras cidades, não foi pelos pés de um grande craque ou pelas conquistas inéditas de um clube local, tampouco foi pelos profissionais da área esportiva que conquistam grandes mercados e fazem questão de levar consigo a imagem interiorana que lhes deixa com uma aura de simpatia e simplicidade. A cidade de Erechim ganhou projeção por uma obra de ferro e concreto

armado. Os olhos de todo Brasil e de alguns países vizinhos, se voltaram para Erechim em setembro de 1970, durante a inauguração de um gigante. O estádio Colosso da Lagoa, na época com capacidade superior a população local e com algumas tecnologias que ainda não estavam difundidas no mundo da construção civil, colocou a cidade de Erechim no cenário do futebol nacional.

Neste ponto vale retomar ao início deste pensamento: O que é o futebol?, e acrescentar: Como ele surgiu?; O que ele representa? De que forma conseguimos visualizar através dele as teias de representações que envolvem os indivíduos de grupos sociais em diferentes partes do mundo? Essas questões são objeto de análise de historiadores, sociólogos, antropólogos, psicólogos e filósofos há mais de 100 anos; e, no Brasil, de maneira mais visível, nas últimas quatro décadas.

O material contido nas próximas páginas investiga questões ligadas ao futebol desde seu surgimento, ou ainda, em algum ponto, vai além, pois busca nos jogos de bola praticados há milênios semelhanças com o que conhecemos como “futebol moderno”. O objetivo é buscar a resposta para simples perguntas: Por que o estádio Colosso da Lagoa foi construído? Como foi possível concretizar sua construção? Quem foram seus idealizadores? Em que contexto a edificação do estádio se situa? Qual foi a importância do evento de inauguração do estádio para a história da cidade? Para obter estas respostas é necessário entender como um sentimento por um clube de futebol se materializa em uma obra de ferro e concreto armado. Uma obra que ainda hoje é referência no futebol o Rio Grande do Sul.

Durante a década de 1960 associados de um clube de futebol decidiram construir um estádio. A pequena estrutura formada pelas arquibancadas modestas que cercavam o campo do Ypiranga FC, localizadas na Rua Bento Gonçalves, na cidade de Erechim, não comportava mais os anseios de um grupo de sócios que havia ganhado notoriedade política nos bastidores do clube. Decide-se então construir um novo estádio. Um gigante de concreto armado que teria capacidade superior à população de Erechim na época.

Com o início das obras em 1964 e a inauguração em 1970, o Colosso da Lagoa, tornou-se um dos principais cartões postais de Erechim. Sua estrutura era a maior das Américas fora das capitais e até hoje é o maior em capacidade

de público do interior do Rio Grande do Sul. O sistema de iluminação, importado da Alemanha, foi o primeiro no Brasil em formato de “X”, ou seja, com um refletor em cada ângulo de 90 graus na linha externa do campo. Para a realização da obra, foi necessária uma grande mobilização popular não somente na cidade de Erechim, mas em diversas regiões do Brasil. Somente com a idealização de um plano de sócios, que consistia na venda de títulos e sorteios de prêmios, foi possível erguer a estrutura.

O presente trabalho relata esta história e o processo que resultou na construção do estádio. Porém, o pilar da pesquisa é questionar quais foram as principais motivações que levaram a grande mobilização para a construção de tamanha estrutura. Inúmeros são os motivos que levam à construção de um estádio de futebol. Neste trabalho é levantada a hipótese de que a motivação para a construção de um estádio de futebol é o próprio futebol. Porém, é necessário enfatizar que o trabalho não considera o futebol somente um esporte, mas como uma metáfora para explicar a sociedade. Desta forma, é possível desenvolver algumas idéias relacionadas aos campos político, cultural e econômico, tendo como foco principal o futebol.

O trabalho levanta a hipótese de que a principal força motriz do futebol é a rivalidade. Portanto, a rivalidade é colocada como o principal motivador para a construção do Colosso da Lagoa. Cabe enfatizar que as rivalidades observadas dentro de um estádio de futebol, durante os 90 minutos de partida não são uma realidade única do universo futebolístico. Utilizando o futebol como uma metáfora é possível observar que este esporte reflete o universo no qual está inserido. O trabalho adota a hipótese que questões relacionadas a plástica de jogo, comportamento dos atletas, as atitudes de torcedores, bem como as decisões de cartolas estão ligados ao universo sociológico em que este clube está imerso.

Para realização da pesquisa, foram utilizadas fontes bibliográficas sobre a história de Erechim. Também serviu como fonte de pesquisa o acervo do arquivo histórico municipal de Erechim, que contribuiu com documentos e material fotográfico. O arquivo histórico também contribuiu com seu acervo de jornais, que tiveram uma importância especial no desenvolvimento da pesquisa. Vale lembrar que muitas empresas de comunicação que estão sediadas em Erechim atualmente não acompanharam o dia-a-dia do período

estudado. Porém, publicaram matérias especiais em datas comemorativas, como o aniversário do Ypiranga e o aniversário de inauguração do Colosso da Lagoa.

Desta forma, foi possível obter informações que não estavam disponíveis nos jornais que circularam em Erechim no período de construção do estádio. As reportagens especiais nas datas comemorativas também trouxeram entrevistas com pessoas que hoje são falecidas, mas que tiveram uma importante participação no cotidiano do Ypiranga, e desta forma foi possível obter informações que contribuíram para a formatação da idéia central deste trabalho.

Durante a pesquisa foram realizadas gravações com sócios do Ypiranga FC, bem como com cronistas esportivos e dirigentes que acompanharam, mesmo que parcialmente, o período que foi objeto de estudo.

Para ratificar o futebol como metáfora de auxílio na explicação da sociedade, foi preciso submergir nas origens no futebol e algumas questões sociológicas que o envolvem. Também foi utilizado intensamente as discussões realizadas durante as aulas do Mestrado em História Regional da Universidade de Passo Fundo. A intenção foi sempre utilizar as aulas para a produção de artigos acadêmicos, que resultaram em publicações e participação em congressos ou para produção de material que pudesse ser utilizado na Dissertação. Assim, foi possível fazer uma pesquisa que não se resumisse a um trabalho fechado, mas que deixasse ganchos para novas pesquisas em diversas outras áreas. No trabalho ficam evidentes as sugestões de novas pesquisas na área da política, cultura, economia, entre outros, sempre com as categorias sendo sistematicamente expostas durante o decorrer do texto.

O primeiro capítulo inicia com considerações gerais sobre o futebol. Não é novidade que os jogos de bola são uma prática milenar. A pesquisa considera o futebol a partir do estabelecimento de regras padronizadas, que aconteceu na Inglaterra do século XIX. Para explicar a necessidade do estabelecimento dessas regras, foi necessário investigar a sociedade inglesa neste período, que passava por um processo que ficou conhecido como “Revolução Industrial”. A expansão do futebol, bem como a sua chegada no Brasil é relatada na sequencia. Aqui é preciso enfatizar que é feita uma associação da expansão do futebol com a política expansionista da Inglaterra

neste período, que difundiu em diferentes partes do mundo seus valores e, por consequência, seus usos e costumes.

O próximo subtítulo, que levanta a questão do estádio de futebol como uma obra além do concreto armado, parte para questões de subjetividade e simbolismo. Neste ponto é possível perceber que um estádio reflete muito sobre a cultura e os valores de uma sociedade, também relata sobre o sentimento que uma obra de ferro e concreto pode despertar em um torcedor de futebol.

O primeiro capítulo encerra com a formação da base de um dos principais pilares da pesquisa, que é o tema da “rivalidade”. A intenção é apresentar a rivalidade, como uma força capaz de mobilizar torcedores, jogadores e dirigentes para a conquista de um objetivo comum a todos os envolvidos em um clube de futebol. Esta força se estabelece em três níveis: time contra time; torcedor contra torcedor e patrimônio contra patrimônio. Um clube é considerado “grande” ou “pequeno”, através da análise dessas três áreas de conflito. A rivalidade se estabelece no confronto destas três áreas, sendo que o torcedor, sempre busca a exaltação do seu time a depreciação do time adversário nesses três níveis.

O segundo capítulo relata brevemente elementos sobre a formação de Erechim. A análise sobre este tema é feita sempre tendo como cenário o esporte e o futebol. Neste capítulo é abordada a questão de como a sociedade local se organizou e definiu os espaços, para a prática do esporte, em especial o futebol. Também traz informações sobre as dificuldades enfrentadas durante a pesquisa para a obtenção de informações através de documentos originais, em função dos grandes incêndios que aconteceram na cidade e da destruição de fotos e documentos de imigrantes em função da entrada do Brasil na Segunda Guerra. Um segundo subtítulo aborda os primeiros registros de futebol em Erechim, falando sobre o impacto da implantação do Estado Novo e como as associações de organizaram em função disso. Também aborda questões relacionadas ao surgimento das primeiras rivalidades. O terceiro subtítulo apresenta aspectos da história do Ypiranga FC, colocando este clube como sendo uma referência de patriotismo brasileiro em meio a um universo de imigrantes que tinham como suas principais referências os seus países de origem, a Alemanha, a Itália e a Polônia. Neste subtítulo também é

contextualizado a vida política dos envolvidos na fundação do Ypiranga FC. Um quarto subtítulo trata da rivalidade envolvida no futebol erechinense. Com alguns elementos abordados no primeiro capítulo, é realizada uma análise de como houve a formação da rivalidade do futebol local, traçando um paralelo entre a rivalidade de dentro de campo com elementos da formação da sociedade erechinense.

O terceiro capítulo aborda o nascimento do estádio Colosso da Lagoa. A construção deste capítulo inicia com uma breve história de como aconteceu a estruturação de todo o patrimônio do clube, desde os primeiros anos de sua fundação em 1924. Em seguida demonstra-se como aconteceu o conceito da idéia do estádio Colosso da Lagoa e como foi o processo de captação de recursos para a construção do estádio, bem como as ações da Ditadura Militar, que tomou o poder no Brasil durante o período em que o estádio foi construído, e que, em determinado momento, afetou diretamente na captação dos recursos para a obra.

O quarto capítulo aborda como foi o festival de inauguração, uma grande ação de marketing que mobilizou toda a população regional. Foram convidados para participar do festival os atletas campeões mundiais no México em 1970, com seus respectivos clubes. Durante o festival de inauguração o atleta do século, Pelé, marcou o gol 1040 na sua carreira. O gol é simbolicamente tratado como o “primeiro gol do estádio”. O capítulo também contextualiza o clima de unidade nacional criado durante a Copa do Mundo de 1970, que foi amplamente utilizada pelo então presidente Médici como uma imagem positiva de seu Governo. Este capítulo também mostra como os atletas serviram de garotos-propaganda para o governo e como a conquista do Tri-mundial refletiu em Erechim. Ele encerra com as informações das partidas que aconteceram durante do Festival de Inauguração.

1. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O FUTEBOL

Não por acaso se pode considerar o período que compõem a fase transitória que comportou os séculos XVIII e XIX como um divisor de águas na história do esporte. Em aproximadamente 120 anos observa-se uma multiplicação constante de regras esportivas, todas observadas no território compreendido como Inglaterra. Para citar apenas alguns exemplos pode-se fazer referência às corridas de cavalos, golfe, críquete, rúgbi, ciclismo e, claro, o futebol.

Para buscar uma explicação para este fato curioso, é necessário entender as transformações conceituais que a sociedade estava passando, pois é neste período que fica evidente a mudança na maneira com que as pessoas passaram a observar a prática esportiva. Este capítulo tem por objetivo analisar o processo que cercou o estabelecimento das regras do futebol, dividindo este esporte em “Futebol Primitivo” e “Futebol Moderno”. Ele trata também de como a política externa da Inglaterra do século XIX foi fator decisivo para a expansão deste esporte para diferentes partes do mundo e de como o futebol chegou no Brasil. O capítulo traz ainda elementos que estabelecem o futebol como um sentimento agregador dentro de um grupo social.

1.1 Quadro histórico do surgimento do futebol

Os jogos de bola não são um fenômeno recente na história do homem. Há registros de jogos onde eram utilizadas esferas, alguns deles com regras semelhantes ao futebol, em diferentes grupos sociais, nas mais diferentes partes do globo. Oliveira (2000) lembra que valia de tudo nos jogos de bola primitivos, de cocos a pelotas feitas de tecidos. Na China, por exemplo, os soldados usavam, em 2.500 a.C., uma esfera de couro para chutar. Na Grécia, no século I a.C., a bola era feita com bexiga de boi cheia de areia.

Giulianotti (2002) enfatiza que foram encontrados diversos registros de “futebol primitivo” em 1500 a.C. na América Central e na região do Amazonas.

Há registros desta prática também em diferentes regiões da América do Sul. Em diversos pontos da Europa foi registrada, em grande quantidade, a prática do futebol primitivo a partir do século XIII. Em geral, os autores, assim como Giulianotti, costumam utilizar o dia 26 de outubro de 1863 como uma linha divisória entre o “futebol primitivo” e o “futebol moderno”. Neste dia um grupo de jovens londrinos reuniu-se na taberna *Freemason’s* para definir regras padronizadas para a prática do futebol. Estas regras, com pequenas variações, são utilizadas até hoje para reger a prática deste esporte.

Franco Júnior (2007) associa o surgimento do futebol na Inglaterra com a realidade histórica que o país vivenciava. Para o autor é impossível dissociar o surgimento do futebol com a revolução industrial, já que ambos baseiam-se na competição, secularização, produtividade, igualdade de chances, supremacia dos mais hábeis, especialização de funções, qualificação de resultados e fixação de regras.

A fixação de regras é o marco da divisão entre o “futebol primitivo” e o “futebol moderno”; ou seja, corresponde àquilo que Sigmund Freud e Norbert Elias (*apud* Franco Júnior, 2007) trataram, respectivamente como o “processo civilizador”. Também é possível pensar a introdução das regras do futebol como uma restrição de comportamento, que permite a vida em sociedade, ou seja, o controle dos interesses individuais em nome do bem comum:

A época era de padronização, codificação e fixação em vários planos da vida inglesa. Em 1852, os mandatos de convocação diante da Justiça foram uniformizados. Ao longo do Século XIX surgiram diversos códigos do direito criminal. Em 1858 elaborou-se o projeto do imponente Oxford English Dictionary, que recolhe, identifica, registra, legitima todos os vocábulos da língua. Não é de estranhar, portanto, a multiplicação das regras esportivas: para corridas de cavalos por volta de 1750, golfe em 1751, críquete em 1788, rúgbi em 1846, ciclismo em 1868. E futebol em 1863. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 26).

Após a queda do imperialismo napoleônico, a Inglaterra é alçada ao status de referência cultural e política. Franco Júnior (2007), aponta que surge neste país uma demanda pela construção de um caráter de suas elites, para que a Inglaterra se tornasse a maior potência mundial. Uma maneira encontrada para desenvolvimento desta idéia foi aplicada entre os anos de 1820 e 1900, no que o autor chama de “cristianismo atlético”.

A introdução de esportes nas escolas é o que melhor ilustra este pensamento. O desenvolvimento da fibra moral da elite britânica destinada a governar regiões longínquas e inóspitas, plenas de súditos hostis e pouco civilizados, era essencial para as pretensões inglesa.

Em 1859, apenas quatro anos antes do estabelecimento das regras do futebol, Charles Darwin lança “A Origem das Espécies”, que posteriormente seria utilizado por Herbert Spencer, entre outros autores, para adaptar à vida social a idéia biológica da sobrevivência dos mais fortes. Neste período, respeitadas figuras inglesas como Thomas Arnold (diretor da Rugby School e introdutor dos esportes no sistema educacional), David Livingstone (explorador e missionário da África), Charles Gordon (combatente na Criméia e na China, depois governador do Sudão), Willian Gladstone (primeiro-ministro quatro vezes), defenderam abertamente o esporte como maneira de atingir a rapidez no raciocínio, fibra ao espírito e vigor ao corpo.

O estabelecimento de regras, não somente no esporte mas também na vida política e social, era essencial para a alimentação de uma ideologia do liberalismo mais antigo, essencial para que não surgissem novos Bonapartes. Era essencial também para que os mercados de todo o mundo estivessem abertos aos produtos da Inglaterra, para que sua monarquia parlamentarista pudesse funcionar com o mínimo de tensões sociais.

Com este espírito, representantes de diversas escolas reuniram-se em 1848 para a primeira tentativa de uniformização das regras de um esporte que era praticado nas instituições de ensino. Há registros de aproximadamente sessenta equipes nesta época, mas em cada região praticava-se uma regra específica. Durante quase duas décadas a padronização foi discutida, até que no dia 26 de outubro de 1863 representantes normatizam o futebol. As regras foram aprovadas em assembléia no dia 24 de novembro e publicadas no jornal esportivo *Bell's Life* de 8 de dezembro.



Figura 1: Os onze participantes da reunião de 1863

Fonte: Hilário Franco Júnior (2007, p.225)

Franco Júnior (2008) cita o historiador Robert Levine ao definir o esporte como uma “metáfora da dinâmica social”, pois a regulamentação do esporte faz parte de um processo que visa dominar o corpo, submetendo-o a um poder socialmente instalado. Desta forma surgem o capitão do time, o presidente do clube, o representante da federação, conselho disciplinar e confederação, constituindo micro-sociedades à imagem e semelhança da macro-sociedade que as cria e acolhe.

Uma série de fatores contribuiu para que fossem criadas as condições ideais para o surgimento do futebol. O convívio entre diferentes classes sociais também é apontado como fator importante. Wisnik (2008) enfatiza que, entre os anos de 1820 e 1860, na Inglaterra, surgiu um enorme vácuo no lazer popular. Passatempos bucólicos como adestramento de cachorros para atacar ursos, briga de galos e jogos de bola em aldeias praticamente desapareceram enquanto o povo, em geral, ia para as cidades em busca de trabalho. Nesse quadro algo tedioso, as novas classes trabalhadoras eram controladas pela ordem moralizadora de uma burguesia municipal inclinada a erradicar toda a intemperança e a diversão não civilizada.

Dentro deste quadro social da Inglaterra do século XIX, é possível associar o futebol, a partir do estabelecimento de regras, como um código socialmente estabelecido. A partir desta afirmação, pode-se tomar o estabelecimento das regras do futebol como uma metáfora que reflete a cultura da Inglaterra do século XIX, já que tinha um significado coletivo. Logo as regras deste esporte encontrariam fronteiras abertas em diferentes partes do mundo para que as mais diferentes culturas os absorvessem.

1.2 A expansão do futebol e sua chegada ao Brasil

Poucos anos após o estabelecimento das regras, o futebol conseguiu ultrapassar os limites do colégio, do clube ou da fábrica, e passou a fazer parte do cotidiano da sociedade. Hoje, qualquer cidadão se sente responsável pelo cotidiano do clube. Galeano (2004) relata que é raro o torcedor que diz: “meu time joga hoje”. Sempre diz: “nós jogamos hoje”. Este jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música.

A política de relação externa da Inglaterra do final do século XIX e começo do século XX, é apontada como o principal fator de expansão do esporte para diferentes países. Empresas inglesas prestavam serviços em diferentes regiões fora da Europa e desta forma os ingleses que deixavam o seu país para trabalhar levavam consigo bolas e livros de regras. Estes trabalhadores encontraram nos países de destino jovens ricos que retornavam da Europa, onde tinham partido em busca de melhores escolas, e traziam consigo valores e idéias que facilitaram absorver o esporte com regras essencialmente burguesas. Esta ambientação é considerada um facilitador para que as primeiras partidas de futebol fora da Europa fossem organizadas.

Mascarenhas de Jesus (1999) enfatiza a importância da Inglaterra para o Brasil no cenário internacional afirmando que entre 1808 e 1924, excetuando-se os anos da Primeira Guerra Mundial. Os ingleses efetivamente dominaram o comércio exterior brasileiro: ao longo do século XIX, o porto do Rio de Janeiro avistou mais bandeiras inglesas que de todas as demais nacionalidades somadas, inclusive portuguesas e norte-americanas. Pelo litoral do Brasil

penetraram não apenas os numerosos produtos da poderosa indústria inglesa, mas também os valores e comportamentos considerados civilizadores, dentre os quais a prática esportiva. Nesse movimento destacou-se o Rio de Janeiro, por sua condição de mais movimentado porto do país. Por volta de 1850, através das zonas portuárias e dos empreendimentos britânicos, começaram a chegar ao Brasil com maior frequência informações sobre os novos esportes e seu pretense papel de fortalecer o corpo e simultaneamente o espírito. Os próprios ingleses procuravam entre si praticar esportes ao ar livre, gerando reações de estranhamento e despertando ampla curiosidade popular.

É necessário considerar que a própria população brasileira estava inclinada a aceitar e absorver esses valores:

Na última década do século XIX, o movimento de adesão aos esportes e ao lazer ao ar livre adquiriu força e velocidade inéditas, inserindo-se na perspectiva de retomada dos espaços públicos e de liberalização dos costumes: assistiu-se à ascensão da figura do sportsman, que aposentou o pince-nez e o ar de austeridade do vestuário escuro e pesado para expor alegre e publicamente seus músculos, Segundo Luís Edmundo (1938: 319), surgiu, no início do século XX, uma nova geração bem distinta daquela que proclamou a República, formada de homens lânguidos e raquíticos, sempre enrolados em grossos cache-nez de lã.(MASCARENHAS DE JESUS, 1999, p.25).

Mascarenhas de Jesus (1999) traz o trecho de um discurso proferido por Monteiro Lobato em 1905 após assistir uma partida de futebol, que serve como ilustração de que o Brasil estava passando por profundas mudanças de significação do esporte:

É desta espécie de homens que precisamos. Menos doutores, menos bajuladores, menos parasitas e mais struggle-for-life. Mais homens, mais nervos, mais corpúsculos vermelhos, para que um Camilo Castelo Branco não possa repetir que ele tem sangue corrompido nas veias e farinha de mandioca nos ossos (apud MASCARENHAS DE JESUS, 1999).

Em cada país o futebol foi absorvido por diferentes vias. Na maioria das nações européias, ele se estabelece por clubes de futebol de propriedade privada, em que um pequeno número de grandes acionistas controla a diretoria. Na Península Ibérica e na América Latina, os clubes são organizados como associações de esportes privadas, controladas pelos sócios que pagam uma mensalidade ou anuidade. O modelo proporciona aos clubes uma fonte de

arrecadação segura, ainda que arcaica, que se consolida mais próximo possível da tradição democrática: participação econômica e política dos associados. No Uruguai, a introdução do futebol teve outra via. Os clubes surgiram a partir das fábricas. O dono da indústria era o cartola e os funcionários eram os atletas.

No Brasil, o futebol se populariza através dos clubes sociais e esportivos fundados por imigrantes que chegaram para trabalhar após a abolição da escravidão. Até hoje alguns clubes permanecem com a herança da imagem cultural desses imigrantes. Os mais comuns são clubes fundados por italianos, portugueses e alemães. Os exemplos mais emblemáticos são o Palmeiras (antigo Palestra Itália) e a Portuguesa em São Paulo, o Vasco da Gama do Rio de Janeiro (representante dos imigrantes portugueses). No Rio Grande do Sul as equipes do Caxias e do Esportivo (sediados em Caxias do Sul e Bento Gonçalves, respectivamente) representam a organização dos imigrantes italianos instalados na serra gaúcha em torno de um clube de futebol.

Mesmo tendo consciência de que há indícios históricos que apontam outras vias de introdução do futebol no Brasil, Franco Júnior (2007) considera a “história oficial” e aponta o paulistano Charles William Miller como o responsável pela chegada do esporte no país. Filho de um engenheiro escocês, foi enviado para a Inglaterra aos nove anos de idade para estudar. Retornou ao Brasil em 1894, trazendo consigo uniformes, chuteiras, bolas, bomba de ar, livro de regras e o desejo de desenvolver o futebol entre seus pares. Organizou a primeira partida entre os sócios do São Paulo Athletic Club e os funcionários da São Paulo Railway Company. Durante muito tempo os jogos foram limitados a uma elite. Em 1899 foi fundada a Associação Atlética Mackenzie Colege, o Sport Club Internacional, que reunia ingleses e brasileiros, e o Sport Club Germânia, que abrigava alemães e descendentes. No ano seguinte foi fundado o Club Atlético Paulistano, com representantes das mais tradicionais famílias de São Paulo; em 1902, foi fundada a Associação Atlética das Palmeiras, criada por dissidentes do Paulistano.

Franco Junior (2007) analisa os primeiros momentos do futebol no Brasil como o esporte de bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social; um esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo. Esporte associado a ícones do progresso e da

industrialização numa sociedade ainda essencialmente agrária, o futebol tornou-se desde o início um dos ingredientes mais importantes dos debates acerca da modernização do Brasil e da identidade nacional.

Tomando como exemplo o caso específico do Brasil, Franco Junior (2007) avalia a possibilidade dos brasileiros buscarem a incorporação de valores culturais de um país que era referência na época. Mesmo imersos em realidades diferentes, os brasileiros pertencentes a uma elite economicamente e politicamente privilegiada buscavam incorporar em seu cotidiano alguns recortes culturais do país no qual se espelhavam.

(...) o futebol imprime aos jogos pré-modernos a norma burguesa, mas mantendo uma margem significativa de ruralidade, uma dimensão telúrica indispensável para o entendimento de sua apropriação por outras culturas, de seu progressivo interesse policlassista e multiétnico e de vocação transcontinental. Ao contrário do basquete, do vôlei, do hóquei ou do futsal, jogos posteriores de espírito definitivamente cidadão, praticados sobre terrenos pavimentados e geralmente cobertos, o futebol se joga ao ar livre, sobre a terra e sobre a grama, num espaço generoso e exposto à natureza, proliferando não só na Europa mas nas periferias do mundo, nos clubes como nas várzeas. (WISNIK, 2008, p. 95).

Peter Burke (2006) ao buscar ilustrações para explicar o processo de hibridização cultural no Brasil sustenta que o futebol é um objeto de análise bastante interessante, pois o país absorveu regras internacionais, ao mesmo tempo em que desenvolveu um nítido estilo nacional de jogo.

Tanto Franco Junior (2007) quanto Wisnik (2008) avaliam a introdução do futebol no Brasil como um processo classificado por Burke (2003) como “apropriação cultural”.

1.3 Estádio: uma obra para além do concreto armado

Curiosos que se dedicam a estudar o futebol e os fenômenos inerentes a este esporte são unânimes em afirmar que um estádio não é apenas uma obra de ferro e concreto armado. A força simbólica do local em que se pratica o esporte pode refletir muito mais que a personalidade da sua torcida ou clube. Além disso, o estádio traz consigo as referências culturais da comunidade onde ele é edificado.

Cabe lembrar, entretanto, que a preocupação e a idolatria com os estádios de futebol nem sempre foram realidade. Giulianotti (2002, p. 93)

esclarece que, na época que precedeu o estabelecimento de regras, no período em que o futebol não passava de um “jogo de bola”, bastava um local aberto para praticar o jogo. Na época anterior à sua regulamentação, a falta de uma área cercada para jogar refletia a fraca legislação do jogo. Os limites da área para o “jogo de bola” eram demarcados por obstáculos naturais. Áreas comuns a todos da comunidade eram utilizadas como pontos de referência. Algo semelhante acontece atualmente no futebol improvisado, onde as regras oficiais são flexibilizadas. Pátios de escolas, parques e ruas são utilizados para a prática esportiva, mas com um sentido de lazer.

A construção do estádio para a prática esportiva estabelece uma divisão entre atletas e torcedores. Esta decisão fez com que a partida passasse a acontecer de maneira programada e com a influência bastante limitada de fatores externos ao jogo. Galeano (2004, p. 17) comenta que, nas primeiras décadas do século XX, a participação da torcida influenciava diretamente o andamento da partida. Em cada gol a partida era interrompida longamente porque as pessoas entravam em campo para abraçar ou bater. Além da interrupção do andamento do jogo, tanto os atletas adversários como o árbitro corriam grande risco de agressão.

Vigarello (2008) afirma que, no final do século XIX, não havia a necessidade de separar público de torcida em diversas modalidades esportivas, uma vez que era baixo número de pessoas que acompanhavam os jogos. O público parecia muito mais “assistir” a partida, do que “torcer” para alguma equipe. O autor relata que em competições internacionais, por volta de 1890, observava-se que as disputas eram acompanhadas por apenas algumas dezenas de homens de cartola e duas ou três mulheres. Entre as pessoas estavam algumas que visivelmente haviam se desviado de seu caminho para observar o que estava acontecendo. O estádio está associado à transformação do jogo em um espetáculo. Na medida em que a multidão invade o local da partida, acontece uma revolução arquitetônica desses espaços. Com a transformação do esporte em espetáculo, cada elemento tem seu papel bem definido: o atleta em campo e o público - que passa a ser torcedor - na arquibancada.

Com a padronização das regras, ou seja, o marco divisor entre o futebol primitivo e o futebol moderno, no período em que o mundo passava por uma

profunda transformação, com a revolução industrial no final do século XIX, o futebol passou a trazer um sentimento de identificação de grupos sociais. Esse fenômeno ocorreu, inicialmente, nas escolas britânicas, posteriormente se estendendo para fábricas, bairros, cidades e países. Giulianotti (2002, p. 93) comenta que esses locais “especialmente” preparados para a prática do futebol geralmente eram construídos perto de terminais de transporte, principalmente perto de estações ferroviárias, permitindo aos torcedores chegar e sair com facilidade. Alguns locais eram preparados perto de grandes indústrias, o que acabava estimulando o crescimento de um grande número de torcedores. Giulianotti (2002, p. 20) esclarece que o futebol, logo nas primeiras décadas da padronização das regras, acabou se incorporando à vida física das cidades. Os estádios de futebol pareciam fábricas perto da pequena extensão do hipódromo; as torcidas municipais gigantescas pareciam mão-de-obra entrando nos portões das fábricas. Centenas de pessoas deixavam de trabalhar nas tardes de sábado para assistir as partidas.

Porém, não se deve associar a transformação dos esportes em espetáculo a um fenômeno inerente aos últimos dois séculos. Galeano (2004) lembra que o fascínio e o poder de atração dos estádios são registrados há muitos séculos:

Em uma crônica que escreveu em outros tempos, e a propósito de outros esportes, Dione Crisóstomo retratou os torcedores romanos do segundo século depois de Cristo: quando vão ao estádio, é como se descobrissem um depósito de drogas. Esquecem-se completamente de si mesmos e sem nenhuma vergonha dizem e fazem a primeira coisa que lhes vem à cabeça. (GALEANO 2004, p.162).

Com grande semelhança, assim se descreve um estádio de futebol atual:

Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentina e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não têm ateus exhibe suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela se sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada. (GALEANO, 2004, p. 14).

O crescimento urbano também tem influência na edificação dos estádios. Giulianotti (2002, p. 107) enfatiza que, no mundo contemporâneo do futebol, as mais importantes questões políticas de espaço dizem respeito ao acesso e ao controle dos locais em que se realizam os jogos. Os grupos sociais menos influentes cada vez mais perdem essa batalha diária dos recursos; o acesso dos jovens à recreação barata (principalmente aos espaços de lazer) é notoriamente circunscrito. A reforma urbana e os projetos imobiliários reduzem o número de terrenos destinados ao futebol. Controlar e propiciar espaços públicos para jogar e assistir futebol de certa forma também denota poder. Esta pode ser uma explicação para o esforço de governos em monopolizar tais espaços. No sul da Europa grandes estádios foram erguidos durante períodos de ditadura política, quando os espaços públicos eram constituídos para gerar sentimentos nacionalistas. Mussolini construiu o estádio Olímpico para as finais da Copa do Mundo de 1934; Franco construiu o Bernabeu de 1944 a 1947; Salazar edificou o Estádio da Luz, em Lisboa, em 1954 (GIULIANOTTI, 2002).

A localização e a arquitetura dos estádios refletem características da comunidade onde ele é construído. Grandes mudanças podem ser facilmente percebidas em diferentes locais:

Os clubes do Reino Unido sempre contratavam o arquiteto Archibald Leitch para construir, em volta de todo o gramado, três arquibancadas abertas sobrepostas por uma grande arquibancada coberta, com duas fileiras. Os primeiros campos tinham frequentemente forma elíptica e uma arquibancada aberta inclinada que era vista como uma variação barroca dos majestosos anfiteatros romanos. Mais tarde, como as finanças e os espaços centrais das cidades levaram a limitações, os campos passaram a ser retangulares, acompanhando os parâmetros do gramado e colocando os espectadores mais perto do jogo. (...) muitos estádios latinos localizam-se bem longe das áreas industriais; internamente, abrigam centros de treino e ginásios, assim como piscinas, quadras de tênis ou pista para atletismo em volta do gramado. Na Ibéria e na América Latina, essas instalações podem ser facilmente utilizadas pelos sócios do clube como parte do pagamento de contribuições periódicas.

As restrições, por motivo de segurança, reduziram significativamente essas capacidades, mas prevalecem os princípios de informalidade e de massa relativos aos espectadores. (GIULIANOTTI, 2002, p. 94-95).

Ainda para Giulianotti (2002, p. 97), a atmosfera é para os jogadores e espectadores um importante estímulo do jogo, especialmente no âmbito

profissional: quanto mais intensa a “atmosfera” mais aprazível se torna o jogo. A atmosfera é sempre de entusiasmo e distante; uma inter-relação entre o natural e o cultural e um confronto entre opostos.

É importante ressaltar os casos onde as arquibancadas de estádios de futebol servem de vitrine para exposição de idéias de cunho político. Muitas vezes os gritos dos torcedores tem caráter, anti-governista e de afirmação de identidade. Galeano (2004, p. 113) relata que nos anos de ditadura de Franco na Espanha, os dois estádios, o Camp Nou de Barcelona e o San Mamés de Bilbao, serviram de refúgio aos sentimentos nacionais proibidos. Ali, catalães e bascos gritavam e agitavam suas bandeiras clandestinas. Foi num estádio de futebol que, pela primeira vez, apareceu uma bandeira basca sem que a polícia espancasse os que carregavam: um ano depois da morte de Franco os jogadores do Athletic e os do Real Sociedad entraram em campo empunhando tal bandeira.

Para Guazzelli (2000), a Copa de 70 reforçou o ufanismo nacional e as comemorações se estenderam para o Rio Grande do Sul, os gaúchos viram-se representados e se sentiram parte da conquista. Aproveitando o clima favorável em todo o Brasil, foi criada a Taça Independência, também chamada de Minicopa, para abrilhantar os festejos de 150 anos da emancipação do Brasil. Porém, para a disputa, em 1972, a Confederação Brasileira de Desporto não convocou atletas gaúchos. Na época, a Federação Gaúcha de Futebol costumava promover partidas amistosas com equipes formadas com atletas que atuavam no Rio Grande do Sul contra seleções de outros países. A FGF lançou então o desafio para a Confederação Brasileira de Desporto para uma partida amistosa entre a Seleção Brasileira e a Seleção Gaúcha (formada com atletas de Internacional e Grêmio) para o dia 17 de junho de 1972. Durante os dias que antecederam a partida um intenso clima de rivalidade se instaurou, com reflexo na imprensa local.

No dia da partida, realizada no estádio Beira Rio alguns fatos chamaram a atenção de Guazzelli (2000): o empate em 3 a 3 marcou o maior público da história do estádio Beira Rio, 110 mil pessoas:

[...] numa inédita união entre colorados e gremistas – revelaram-se entusiasmados torcedores do selecionado “gaúcho”. Houve excessos cometidos contra catarinenses que tinham se deslocado para

prestigiar a equipe nacional, incluindo a queima de algumas bandeiras do Brasil, notícias que obviamente a censura não permitiu que a imprensa divulgasse. [...] Vaias ensurdecedoras acompanharam a entrada dos jogadores e se sobrepuseram à execução ao Hino Nacional. Depois de iniciada a partida, cada vez que um jogador da seleção brasileira esteve com a posse da bola, repetiram-se as vaias [...] (GUAZZELLI, 2000, p. 44).

Guazzelli (2000) enfatiza o momento político que o Brasil vivia, quando a ditadura militar impedia quaisquer manifestações políticas de desagrado com o regime, incluídas aqui as reivindicações de caráter regional. E lembra que pouco tempo antes, onze anos, houve a campanha da Legalidade liderada pelo então governador Leonel Brizola, mas desde o golpe de 1964 o Estado teve sucessivos governadores nomeados pelos militares e servis às determinações do Planalto. Esse contexto poderia ter explicado o repentino ato de rebeldia gaúcha, no que pode ser visto como a busca da afirmação de uma identidade regional. Porém, independente do resultado da partida ou dos atos dos torcedores, a ação não teria grandes resultados práticos imediatos. Isto foi observado por cronistas da época:

[...] Mostramos ao Zagallo que o futebol gaúcho não pode ser desprezado. E eu respondo que não mostramos ao Zagallo nada e que o futebol gaúcho tanto pode que continua desprezado. O próprio jogo foi um gesto de desprezo. Vieram aqui nos acalmar, mandaram o circo para distrair os nativos, nos trataram - merecidamente - com a paternal condescendência que todo provinciano recebe da corte, e pronto. O que vamos fazer agora, pedir revanche? O mal do protesto passional é que suas razões se extinguem quando termina a paixão. E todas as legítimas perguntas que poderia fazer sobre os critérios de convocação e as contradições de Zagallo serão, de agora em diante, anticlimáticas. O clímax foi o jogo de sábado. A província teve seu dia de circo, agora se acalme [...]. (Luis Fernando VERÍSSIMO, 1972, Crônica "Insensatez" apud GUAZZELLI, 2000)

Jornalistas ligados a empresas do centro do país adotaram um discurso de menosprezar o selecionado local, ressaltando que ele atuou com atletas estrangeiros e enfatizando o desrespeito do público com um dos maiores símbolos do Brasil na época:

Achei uma atitude antidesportiva e antibrasileira do povo do Rio Grande do Sul, vaiar o selecionado brasileiro que afinal, trouxe-nos o tricampeonato mundial. A atitude de Jairzinho mostrando a camisa para o público, depois do gol de empate, foi muito justa, pois ninguém teve consideração para com os tricampeões que lutaram no México, em defesa das cores nacionais. Meus pêsames ao mundo esportivo gaúcho, pela atitude antipática em vaiar a Seleção. Não fosse os

apupos dessa massa, o selecionado do Brasil teria ganho tranquilamente desse combinado sulamericano, que digo e repito, é fraquinho. Luís Mendes, narrador para Rede Brasileira de Televisão. (GUAZZELLI, 2000, p. 45 e 46)

Como já foi abordado anteriormente, o sentimento de identificação com toda atmosfera que cerca um estádio de futebol pode ser o grande motivo de fascínio por uma obra de concreto armado. Galeano (2004, p. 112) relata um caso que aconteceu na cidade argentina de Buenos Aires: quando o gigantesco supermercado Carrefour ergueu-se sobre as ruínas do estádio San Lorenzo, em 1983, os torcedores saíram chorando, levando um punhado de terra no bolso.

Franco Júnior (2007, p. 270) coloca o futebol em patamar de religiosidade; visto assim, o estádio é um templo:

Na Europa medieval a maior construção de qualquer cidade era a igreja, que geralmente comportava a totalidade, ou quase, da população local. Raramente alcançando tais proporções devido a uma densidade populacional muito maior, o mundo contemporâneo construiu santuários futebolísticos majestosos. Quando o Maracanã foi inaugurado, em 1950, podia receber 10% da população carioca. Quando a pequena ilha mediterrânea de Malta construiu, em 1953, seu estádio, ele podia acolher quase 12% de seus habitantes. Quando o Beira Rio foi aberto, em 1969, a capacidade dele somada à do já existente estádio Olímpico, de 1954, permitia recepcionar quase 11% da população de Porto Alegre (...). Nas cidades pequenas o fenômeno chama mais a atenção. Em Mônaco, o estádio Louis II, inaugurado em 1985, comporta até 18500 pessoas, para uma população na época de 22 mil; em Lens, cidade francesa de atuais 35 mil habitantes, o estádio Bollaerts tem capacidade para 41 mil; no sertão brasileiro, em 1995 a cidade de Brejinho (PE) entregou ao público um estádio ainda incompleto acolhia 3 mil espectadores e finalizado terá capacidade para 10 mil, enquanto a população estava por volta de 7500 habitantes, segundo o IBGE; em Loulé, no Sul de Portugal, construiu-se para a Eurocopa de 2004 um estádio para 30 mil pessoas, enquanto a população local é de 20 mil. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 271- 272).

Usando a metáfora da religiosidade, Franco Júnior (2007) enfatiza que o espaço do ritual futebolístico é o estádio, e usando a expressão do historiador inglês John Bale, analisa o estádio como “o santuário do mundo industrial”. Um local onde uma religiosidade arcaica é expressa de acordo com o imaginário atual.

Portanto, se o estádio é a representação do local de propagação da fé dos torcedores, se faz necessário compreender a importância do “conflito”

entre agremiações esportivas e sua importância para o futebol. Neste sentido, o conflito existente entre dois times (Atlântico e Ypiranga) ganha importância para se compreender a própria existência do estádio Colosso da Lagoa.

1.4 Futebol: o campo do conflito

O futebol pode ser analisado como uma fronteira entre as diferenças, o local onde fica visível o “nós” e o “eles”. É importante ressaltar que no campo de jogo não ficam evidente apenas as diferenças coletivas de uma sociedade, mas conflitos internos, como os de ordem sentimental. A diferença se estabelece como a força motriz do futebol, o único sentido do futebol se dá através do confronto dos antagonicos.

Para Morato (2005), um clube de futebol é estruturado em três pilares: o time, a torcida e o patrimônio. O terceiro item (patrimônio) é dividido entre material e imaterial. O imaterial diz respeito à história, cores e camisa; o patrimônio material é a sede e o estádio. O torcedor busca no estádio uma afirmação. Ele busca que seu clube seja grande também através do estádio, que é sua casa e motivo de orgulho tanto individual, quanto coletivo. Além disso, o torcedor busca sua afirmação denegrindo não apenas o time ou torcida adversária, mas também o patrimônio do oponente. A rivalidade entre os torcedores faz com que no foco da agressividade verbal se inclua o estádio do rival.

Sob este ponto de vista, o estádio acaba sendo para o torcedor a sua “imagem” projetada para o seu rival, ou para o restante da sociedade. Para o autor, este poderia ser um dos motivos que faz com que o estádio de futebol represente muito mais do que o “templo para os deuses da bola” ou o “teatro para os protagonistas do futebol”, mas acabe sendo uma arma para tirar argumentos de agressão dos rivais, e ao mesmo tempo se impor diante do outro.

Wisnik (2008, p. 75-76) considera essencial entender que, ao dar forma lúdica ao mito da concorrência universal, o futebol criou o campo simbólico onde essa concorrência muda de sentido em dois aspectos. O primeiro no campo social, já que é apropriada por agentes que não teriam oportunidade no campo da competição econômica (operários ingleses ou brasileiros pobres, por

exemplo). O segundo no campo simbólico, já que a concorrência se dá em código corporal e não verbal, irradiante de sentidos não determinados, desfrutando de um estatuto correspondente ao da autonomia da obra de arte.

O mecanismo essencial do futebol também é analisado por Wisnik (2008, p. 95 e 99), que considera essencial pensar que antes de mais nada, o futebol imprime aos jogos pré-modernos a norma burguesa, mas mantendo uma margem significativa de ruralidade, uma dimensão telúrica indispensável para o entendimento de sua apropriação por outras culturas, de seu progressivo interesse policlassista e multiétnico e de vocação transcontinental. Ao contrário do basquete, do vôlei, do hóquei ou do futsal, jogos posteriores de espírito definitivamente cidadão, praticados sobre terrenos pavimentados e geralmente cobertos, o futebol se joga ao ar livre, sobre a terra e sobre a grama, num espaço generoso e exposto à natureza, proliferando não só na Europa, mas nas periferias do mundo, tanto nos clubes quanto nas várzeas.

Mesmo assim, e em complemento a isto, o futebol reverte o hábito corporal e instaura uma espécie de “mundo às avessas” em que a posse da bola é muito mais frágil e transitória do que nos esportes manuais. A extensão do campo cheio de surpresas em que a bola, para percorrer a distância entre um gol e outro, tem de fazer uma verdadeira viagem, sujeita a toda sorte de peripécias, idas e vindas, marchas e contramarchas, cheia de alternâncias e lembrando mais os movimentos no meio rural do que o ritmo dos choques diretos do meio urbano.

Franco Júnior (2007, p. 200 e 201) avalia que, independente da maneira como a sociedade se organiza, sempre há em seu interior tensões entre os grupos que a compõem. Essas tensões acontecem independentemente do fundamento básico das diferenças, sejam elas familiares, étnicas, institucionais, econômicas, religiosas, psicológicas ou geográficas. Para o autor, dentro do futebol todos esses elementos estão presentes e interagem:

A dinâmica da rivalidade aplica-se tanto a seleções nacionais quando a clubes. No primeiro caso, por exemplo, à medida que o tempo nos afasta de 1950 e o Uruguai deixa de ser potência no futebol, a rivalidade entre brasileiros e uruguaios fica mais fraca. Ao contrário, o fortalecimento futebolístico do México e algumas vitórias sobre o Brasil vão aos poucos criando nova rivalidade continental. Os atritos políticos e territoriais ocorridos no passado entre dois países estão sempre alimentando a rivalidade futebolística. É o caso da Escócia e

Inglaterra ou Bolívia e Chile. Quanto a clubes, o mecanismo não é diferente. Tomemos como exemplo o caso de Minas Gerais. Dos quinze títulos do America, dez foram conseguidos nos primeiros anos de disputa: o Atlético venceu a primeira edição, em 1915, depois o America enfileirou dez conquistas, de 1916 a 1925, e era o grande rival do Galo, vice-campeão em 1916, 1917, 1918 e 1921, campeão novamente em 1926 e 1927. Com o surgimento do Cruzeiro (então Palestra Itália), seus seis vice-campeonatos seguidos (1922-7) e seu tricampeonato em 1928-30, a rivalidade foi se deslocando. O América foi ficando para trás e a grande rivalidade local tornou-se Atlético-Cruzeiro. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.201)

O autor avalia que o futebol é uma reprodução simbólica do corpo social, da mesma maneira que a guerra nas sociedades tradicionais. Essas guerras canalizam para fora da sociedade a impetuosidade, permitindo que o grupo demonstre sua força. O objetivo tanto da guerra como o do futebol é, na essência, desumanizar o “outro”.

Alves (2006 p.33 a 37) expõe o futebol sob o ponto de vista do torcedor, onde a maior motivação para torcer por um time está no prazer de ver o adversário derrotado. Ele propõe uma analogia entre o futebol e o sadismo, onde a maior alegria do torcedor é, de alguma maneira, humilhar o oponente. O autor faz uma reflexão sobre o cotidiano de qualquer pessoa, que se diverte com o sofrimento alheio, citando como exemplo a televisão, onde os desenhos animados têm no seu ápice e ponto mais engraçado quando o vilão “quebra a cara”, mas não de forma definitiva, já que na cena seguinte ele está completamente reestruturado para novamente fazer o espectador se divertir com o mesmo mecanismo.

Esta lógica é aplicada inteiramente ao futebol, onde o torcedor busca matar moralmente o adversário, mas tendo consciência que na rodada seguinte ele vai estar completamente recuperado para ser novamente alvo do ataque e da diversão.

[...]. É do jeitinho da psicologia do estuprador. O que o estuprador quer não é o prazer sexual. Se fosse isso, seria fácil: ele iria a uma zona ou arranjaria uma namorada. Mas nem prostituta nem a namorada podem lhe dar o prazer que ele quer. A prostituta e a namorada permitem a penetração e podem até gostar. Mas não é esse o prazer que ele quer. Ele quer é o sentimento de força e poder: entrar pela força, como ladrão, arrombando a porta, vencendo os esforços desesperados da outra pessoa para que isso não aconteça. Pois o gol não é isso? Enfiar a bola lá dentro daquele estreito espaço que o outro time inteiro quer guardar a todo custo. O primeiro gol equivale a um defloramento. É o prazer de entrar, o prazer de fazer o outro sofrer. Futebol-arte só é bonito quando o time da gente está ganhando e serve para humilhar ainda mais o adversário. Quem diria

que o gozo no futebol ter a ver com a realização de impulsos sádicos e perversos? (ALVES, 2006, p.36).

Ainda para Alves (2006), o prazer do futebol não está somente na vitória. O sentido do futebol vai além, ele está no prazer de humilhar seu adversário. A desmoralização do adversário é colocada em um patamar de importância superior, onde a derrota e sofrimento do adversário trazem mais alegria do que o gozo da vitória.

Morato (2005, p. 98 a 101) analisa a tríade fundamental que forma um time de futebol sob o ponto de vista da rivalidade: patrimônio, jogadores e torcedores. Os envolvidos na partida sabem que, para vencer a tríade adversária, é preciso desestruturá-la de alguma forma. Por isso, além de defender o seu pavilhão, é necessário atacar o pavilhão adversário para que após os noventa minutos de partida, fique claro que há um derrotado.

Com a bola rolando, a tensão é potencializada. O desempenho de um time influencia a motivação da torcida, tanto quanto a torcida o time. O dinamismo é muito grande e o uso da violência simbólica entre os torcedores adversários é corriqueiro. “Palavrões” são “cuspidos” a toda hora pela grande maioria. Não há distinção quanto ao gênero, idade ou raça das pessoas que os pronunciam e a presença de mulheres não ameniza a utilização dessa manifestação. Aliás, presenciei mulheres utilizando-se de palavrões. A maioria dos palavrões sugere a feminilização do rival. No ambiente machista do futebol, a melhor maneira de agredir o adversário pelos palavrões é duvidando da sua masculinidade ou agredindo a principal figura feminina da família, a mãe. Diante dessas manifestações os torcedores agredidos sempre retrucam, também por intermédio desse tipo de manifestação. (MORATO, 2005, p. 99 e 100).

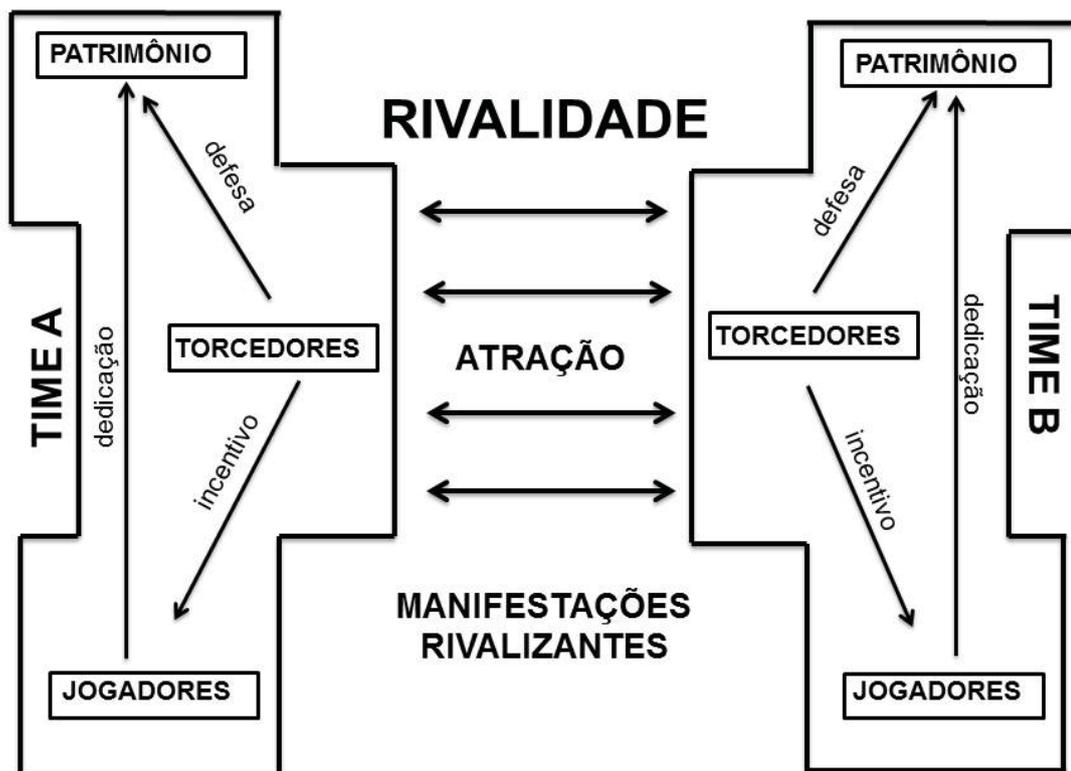


Figura 2: Tríade da Rivalidade

Fonte: Morato (2005, p. 98)

Ao expor a tríade da rivalidade, Morato (2005), coloca o torcedor como a principal força de atração e de conflito entre dois times rivais. Trata-se de um conflito simbólico onde o torcedor busca exaltar que: 1º - seu clube possui uma torcida maior, ou mais apaixonada; 2º - que o seu clube possui um time de maior qualidade técnica, mais vitorioso, ou mais aguerrido; e 3º que seu clube possui um patrimônio maior. Morato (2005) avalia que em clubes rivais a torcida, o time e o patrimônio têm o mesmo grau de importância na diferenciação entre o “nós” e o “eles”. Qualquer dos três fundamentos básicos da tríade serve para exaltar a grandeza de um clube, do mesmo modo que servem para depreciar um clube adversário.

Se, por um lado, o prazer de superar um adversário é uma grande força de atração no futebol, por outro, a derrota torna-se um grande martírio. A rivalidade, independente do resultado em campo, exerce uma influência direta

no cotidiano do clube ao que se refere às questões extracampo. Uma derrota em um clássico, por exemplo, define o rumo tomado nos bastidores do clube:

As emoções negativas (ou de desprazer), mais do que as positivas, são ingredientes que compõem o ato de mudança. As emoções, como é possível verificar, subordinam a razão a fim de não permitir que os indivíduos experimentem estes mesmos momentos desagradáveis. O sentir a emoção que o futebol carrega é um dos principais fatores responsáveis por modificar a trajetória política, econômica e social de um clube. Ninguém quer torcer ou representar um time que se tornou um martírio. [...] Em resumo, as emoções negativas, sentidas com maior intensidade nos clássicos, podem ser responsáveis por modificações significativas nos clubes. O efeito imediato, verificado facilmente nos discursos dos grupos envolvidos, é sempre de divisão da realidade percebida pelos times, de forma popular: o “céu” para o vencedor e o “inferno” para o perdedor. (MENEGETTI, 2002, p. 107 e 108).

A rivalidade exerce um papel fundamental como força motriz na união de pessoas, sejam torcedores, jogadores ou diretores de clube. Esses grupos não medem esforços para derrotar o rival e ao mesmo tempo se afastar da humilhação da derrota. Este trabalho foca a questão da rivalidade como algo positivo, uma força que motiva e que faz com que pessoas se mobilizem por uma causa comum. Porém, é necessário lembrar que em alguns casos, a rivalidade pode ultrapassar a linha do bom senso, trazer prejuízos de diversas ordens para os envolvidos e deixar cicatrizes sociais bastante profundas. Foer (2005), ao avaliar a rivalidade futebolística em Glasgow, que envolve os clubes do Celtic e o Ranger analisa uma situação muito complexa, mas que também pode ser observada através da tríade da rivalidade de Morato (2005). Ironicamente a cidade em que cresceram Adam Smith, Francis Hutcheson e a tendência setentrional radical do Iluminismo, gera histórias de horror relacionadas ao futebol, como de torcedores assassinados por usarem uniforme errado no bairro errado. A competição entre Celtic e o Rangers, por exemplo, representa algo mais que uma inimizade entre vizinhos, trata-se de uma luta pendente em torno da Reforma Protestante. O serviço de saúde local aponta que nos finais de semana de confronto entre as duas equipes o atendimento em hospitais é nove vezes maior do que nos demais finais de semana. Além das agressões físicas há uma série de simbolismos que envolvem este clássico. Um jogador do Ranger, clube identificado com a comunidade protestante, foi expulso em 1996 por fazer o sinal da cruz depois

de pisar no gramado – o árbitro considerou esse gesto uma provocação ao Celtic, identificado com a comunidade católica.

A tríade da rivalidade aparece no ethos dos clubes. E cada sociedade assimila de uma maneira própria. Foer (2005) traz mais um exemplo, de uma rivalidade futebolística negativa, e muito fácil de ser observada. O jogador defende, inclusive, fisicamente os torcedores do clube. Em 1990, um ano antes do Estrela Vermelha consagra-se campeão da Copa Européia, o clube enfrenta o Dínamo. Foi a primeira vez em 15 anos que a Iugoslávia viu seus grupos étnicos se enfrentando abertamente. De início, a confusão parecia administrável segundo os padrões do futebol europeu. Torcedores do Estrela Vermelha rasgavam cartazes e gritavam: “Vamos matar Tudjam”. Quando os torcedores do Dínamo começaram a lhes jogar pedras, os do Estrela Vermelha usaram os cartazes como escudo. As cercas que separavam as duas torcidas desapareceram misteriosamente. A briga tomou conta do estádio, com os combatentes identificados pelas cores das camisas, e então avançou para o gramado. A polícia mostrou-se inapta para enfrentar a situação. Quando um policial bateu num torcedor do Dínamo, um jogador chamado Zvonimir Boban interveio, atingindo o policial no pescoço com uma tesoura voadora. Helicópteros desceram no estádio para tirar os jogadores sérvios da confusão.

Foer (2005) em entrevista com torcedores do Estrela Vermelha de Belgrado percebe que os torcedores conhecidos como Ultra Bad Boys seguem um código de conduta no confronto com outros torcedores. Na conversa com Foer, nunca diziam palavrões e consideravam-se ocupantes de um domínio moral mais elevado que seus adversários: não usar arma de fogo, não bater no inimigo depois de ele ter perdido a consciência eram uma conduta obrigatória durante as “batalhas”. Na entrevista um dos integrantes da torcida critica o modelo de violência praticado por seus adversários, delatando a falta de limites morais dos torcedores do Partizan.

Torcedores do Estrela Vermelha feridos durante a guerra que assolou o país recebiam atenção especial do clube. Foer (2005) utiliza o antropólogo Ivan Colvich, para ratificar esta realidade. O antropólogo mostra que os torcedores convocados para a guerra, levavam para o front as canções cantadas nos estádios, alterando um pouco as letras para colocá-las claramente num contexto militar. Jogadores do Estrela Vermelha iam de carro até o

acampamento de Arkan para visitar torcedores feridos. Vladan Lukic, capitão do time, declarou a um jornal sérvio que os leais torcedores da parte norte do estádio Marakana estavam escrevendo “as mais belas páginas da história sérvia”.

É possível observar o futebol basicamente pelo campo afetivo ou mesmo sentimental de todas as pessoas nos mais diferentes grupos sociais. A “cultura do futebol” pode ser observada nos mais diferentes grupos sociais. Mas como ele pode ser observado em uma sociedade em formação? Como se definem os espaços para a prática esportiva em um grupo social em desenvolvimento e formado por diferentes grupos étnicos? Essas questões são levantadas e desenvolvidas no decorrer do próximo capítulo.

2. O FUTEBOL EM ERECHIM

Como foi observado no capítulo anterior, o futebol rompe as fronteiras da Inglaterra de maneira bastante rápida. Na mesma velocidade que é absorvido pelos países europeus que circundam a Inglaterra, o esporte (através de livros de regras e material para sua prática) torna-se um passageiro constante nos navios ingleses que navegam pelos oceanos de todo o mundo ou nos trens que levam o sonho de industrialização e urbanização através das recém construídas estradas de ferro nos continentes americano e africano. A intenção deste capítulo é analisar a relação entre os elementos universais do futebol e a sua incorporação em uma sociedade específica. O recorte regional é estabelecido na cidade de Erechim, Rio Grande do Sul. Ele traz elementos sobre a formação desta sociedade, a divisão de grupos sociais, e como estes grupos se organizaram para a prática esportiva. O objetivo é mostrar como o espaço para o futebol foi criado dentro desta sociedade em formação e como se estabeleceu posteriormente.

O capítulo traz ainda informações sobre a formação de um clube de futebol com referências de um patriotismo brasileiro em meio a uma sociedade formada praticamente em sua totalidade por imigrantes judeus, poloneses, alemães e Italianos. Busca ainda entender como nasceu a rivalidade entre o Ypiranga, clube identificado com as questões relacionadas ao patriotismo brasileiro e o clube Atlântico, que foi, durante muitos anos, identificado com os imigrantes Italianos.

2.1 – Os imigrantes se organizam para a prática esportiva

No dia 30 de abril de 1918, o então governador Borges de Medeiros, assina o Decreto Nº 2.342, que eleva o oitavo distrito de Passo Fundo à categoria de Município de Erechim, tendo por sede a Vila de Boa Vista, outrora Paiol Grande. (DUCATTI NETO, 1981, p. 26). O território, que desde tempos imemoriais era habitado por numerosas tribos de índios, fora invadido durante

os séculos XVII a XIX por um grande número de aventureiros, bandeirantes, foragidos da polícia ou fugitivo das revoluções, atravessa um novo momento.

Ducatti Neto (1981) enfatiza que, a partir de 1908, o governo do Estado toma a decisão de “desbravar” a região através da Diretoria de Terras de Colonização. Nos anos seguintes é implementada a iniciativa de colonização e como meio de comunicação e transporte o governo do Estado determina a passagem da estrada de ferro pela região. No ano de 1910 já havia cerca de 50 casas e alguns pontos comerciais e, no ano seguinte, já com a política de colonização em desenvolvimento mais acelerado, a população local atinge 10 mil habitantes. São 103 casas, mais de 2.100 lotes demarcados e quase 2.000 ocupados. Juntaram-se aos caboclos que moravam na região, imigrantes poloneses, alemães, italianos e judeus. Neste período os esportes predominantes são as corridas de cavalo e a bocha.

Zambonato (2000), esclarece que o processo de desenvolvimento urbano de Erechim, bem como a formação a partir de diferentes origens étnicas foi um facilitador para que os imigrantes, bem como seus descendentes, se reunissem a partir de clubes e associações, que em alguns casos, além de ter departamentos sociais e culturais, tinham o seu braço esportivo. Alba (2008) cita o Club Germânia, que reunia em seus quadros societários imigrantes alemães e seus descendentes, destacando que a sede do clube possuía biblioteca, coleção de selos, aparelhos de ginástica, cancha de bolão e um campo de futebol. Alba (2008) aponta os Italianos, que fundaram a Società Italiana de Mutuo Soccorso XX de Settembre, como maiores difusores do jogo de bocha em Erechim.

O acesso a informações sobre alguns clubes, jogos e da prática de futebol em Erechim nos anos de colonização é extremamente prejudicada por dois motivos. O primeiro foram os grandes incêndios, que além de destruir edificações localizadas na área central de Erechim, destruíram documentos históricos. Ducatti Neto (1981) cita três incêndios que atingiram a cidade entre anos de 1931 e 1933 e que fez com que os prédios de madeira fossem gradativamente sendo substituídos por edificações de alvenaria. Os documentos do Ypiranga FC também foram atingidos e parte do registro histórico foi lamentavelmente perdido. Zambonato (2000, p.177) relata:

Na noite do dia 03 de junho de 1960, aconteceu o desastre para a sociedade erechinense: um incêndio destruiu a sede do Ypiranga. Tudo ficou reduzido a cinzas. A perda lamentável foi do patrimônio Histórico, livros de atas e registros de toda a saga ypiranguista, troféus, medalhas, arquivos, tudo irrecuperável e perdido (ZAMBONATO, 2000, p. 177).

O jornal Diário da Manhã, em seu suplemento cultural DM Revista, de 28 de fevereiro de 1999, enfatizou que o Ypiranga teve quatro sedes, sendo que a que se localizava na Rua Oswaldo Aranha (atual Rua Alemanha, nº 118), foi duas vezes consumida por incêndios.

O jornal Diário da Manhã de 20 de agosto de 1994, em um caderno especial também relembrou um dos incêndios:

Incêndio destruiu a história esportiva de Erechim

Uma plêiade de desportistas reuniu-se em 18 de agosto de 1924, com a finalidade de fundarem um clube esportivo cultural principalmente para combater o SC Ítalo Brasileiro.

A entidade teve grande aceitação entre a sociedade, passando seus dirigentes a organizarem, inicialmente a sede social, que infelizmente pegou fogo destruindo todo o patrimônio conseguido com grande sacrifício.

Mas tal qual Fenix, surgiram das cinzas e construíram uma sede mais ampla com dois pisos, canchas de bolão aos fundos com a equipe Os Guasca e ao centro, o ringue de patinação.

As obras foram iniciadas em 14 de novembro de 1938, em baile de gala, com a abertura da Polonaise. O acervo pela sua organização, principalmente biblioteca e galeria de troféus, tragicamente queimou na madrugada de 9 de junho de 1960.

Todo o acervo histórico do Ypiranga e porque não afirmar de Erechim ficou reduzido a cinzas. (DIÁRIO DA MANHÃ, 20-08-1994).

Um segundo motivo que apagou parte da história das associações em Erechim e por consequência parte do registro histórico esportivo durante o processo de colonização é descrito no livro “CER Atlântico – Uma história de conquistas” de Fernando Hervé Calliari. O autor escreve que:

No conturbado período compreendido entre 1937 e 1945, quando se desenrolou a II Guerra Mundial, muitas perseguições perturbaram os “não brasileiros” aqui radicados. A tal ponto o medo se apossou das famílias que, para se protegerem, enterravam ou mesmo queimavam documentos passíveis de servirem de motivo para represálias. E assim se perdeu a quase totalidade dos documentos que faziam parte da história da antiga SOCIETÀ ITALIANA DE MUTUO SOCORRO XX DE SETEMBRE. Do que restou, dois arquivos, um de correspondência recebida e outro de correspondência expedida, foi extraída a maioria dos dados aqui revelados e que estavam de posse do Sr. Aldo Castro, caprichoso e dedicado historiador. (HERVÉ CALLIARI, 2001, p.7)

Ducatti Neto (1981) enfatiza que durante o Estado Novo a região de Erechim passou por momentos de muita tensão, visto que os imigrantes foram obrigados mudar seus costumes repentinamente:

Depois da entrada do Brasil na Segunda Grande Guerra o governo entendeu de tomar algumas medidas para combater a chamada 5ª Coluna no Brasil. Entre as medidas, constava a proibição de falar o alemão e o italiano em qualquer lugar. Livros, jornais e revistas, nos dois citados idiomas, também foram proibidos de circular em todo o território nacional. Igualmente, o ensino das línguas alemãs e italiana nas escolas ficou proibido, assim como os cânticos, rezas sermões, etc., nas igrejas, em alemã ou italiana, não permitidos.

Naturalmente, por serem medidas por demais drásticas, se impunha uma certa dose de bom senso por parte de seus executores. O que aconteceu, então foi uma série de equívocos, para não dizer arbitrariedades. Dizem por exemplo, que policiais eram mandados revistar as casas dos colonos à procura de livros em italiano e alemão. Chico Tasso nos informa que o colégio São José, de Erechim foi alvo dessas visitas e daí levaram uma Via Sacra com dizeres em alemão e livros de reza do mesmo idioma. Em São Valentim, os esbirros entraram numa igreja quando o povo cantava ladainhas em latim, prenderam todo mundo porque acharam que estavam cantando em italiano.

Que dizer, então, dos nomes de sociedades, hotéis, ruas e praças que tinham nomes italianos e alemães? Pois foram todos mudados, compulsoriamente, por nomes brasileiros. Muitas sociedades dessas duas nacionalidades foram sumariamente fechadas, como aconteceu com a Sociedade de Mútuo Socorro "Carlo Del Prete", de Erechim, que depois foi reaberta com o nome do Clube Atlântico, sem falar nos muitos casos de prisões de italianos e alemães, ou descendentes destas duas nacionalidades, por motivos nem sempre justos. (DUCATTI NETO, 1981, p. 272).

Os clubes erechinenses mantinham uma vida esportiva e social bastante ativa, e esse envolvimento com a sociedade erechinense trazia, por vezes, problemas e acusações que ultrapassavam a esfera esportiva. Hervé Calliari (2001), traz um fato ocorrido no ano de 1943, com o Clube Atlântico, intimamente ligado com a colônia italiana residente em Erechim:

Em outubro, a sociedade estremece com uma interpelação judicial feita pelo Clube e acatada pela Justiça. Um cidadão aqui radicado teria classificado o Atlântico como "Quinta Coluna" (espiões). Como estávamos em guerra, esta foi considerada uma injúria de alta gravidade que abalou a brasilidade dos atingidos. O Sr. Juiz de Direito convocou ambas as partes para uma audiência com a presença dos advogados das partes. Após as explicações do depoente, que negou tais imputações, o assunto foi encerrado e o caso dado por esquecido. (HERVÉ CALLIARI, 2001, p.110)

Os grandes incêndios, a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a implantação do Estado Novo pelo presidente Getúlio Vargas trouxeram grandes perdas documentais sobre a cidade de Erechim. Registros da prática esportiva nos anos de colonização da cidade, em geral, são registros de relatos orais que foram compilados por pesquisadores ou jornalistas. Documentos, atas ou mesmo registros fotográficos são extremamente raros. Em geral os registros se repetem e, nos últimos anos, não há um número muito grande de novas informações, já que a história estava catalogada na memória de pessoas que hoje são falecidas. A investigação sobre os fatos registrados, principalmente em jornais e em documentos de imprensa, segue no próximo capítulo.

2.2 – Os primeiros registros do futebol em Erechim

A história do esporte em Erechim está associada ao registro dos clubes sociais e esportivos. Logo nos primeiros anos do processo de colonização de Erechim surgem também os primeiros clubes que se dedicam a prática do esporte. Apesar dos raros registros detalhados sobre a prática do futebol nos primeiros anos da colonização de Erechim, Ducatti Neto (1981) menciona dois clubes, o “Brasil Team” e o Ítalo Brasileiro como os pioneiros nos jogos de futebol.

O primeiro clube de futebol de Erechim foi fundado no ano de 1910. Foi neste ano que alguns desportistas mais entusiasmados resolveram organizar o “Brasil Team”, cuja crônica histórica se perdeu no tempo. O segundo, o S.C. Ítalo-Brasileiro surgiu mais tarde e contou com uma das mais antigas equipes de futebol da região, conquistou grandes vitórias, possuiu uma sede e contou com jogadores de renome como Camilo Chitolina e outros. (DUCATTI NETO, 1981, p. 148 e 149).

O jornal “A Voz da Serra” na sua edição de novembro de 1971 expõe informações sobre o S.C. Ítalo Brasileiro, extinto em 1926. A edição (p. 5) traz curiosidades como a linguagem utilizada no período, onde o jogador de futebol era chamado de “*player*” e o estádio era chamado de “*ground*”. O periódico traz ainda um trecho de um documento onde é concedido ao Ítalo Brasileiro um terreno localizado onde atualmente é o Hospital Santa Terezinha, no centro de

Erechim. O documento datado do ano de 1927 é assinado por Borges de Medeiros:

O terreno onde hoje está o Hospital Santa Terezinha era o Ítalo. Eis a parte oficial: "Informação B: O Sport Club Ítalo Brasileiro possui já benfeitorias na quadra que requer, da rua Inglaterra (hoje Itália), da vila de Boa Vista do Erechim, conforme consta do relatório junto. Parece-nos que pode ser feita a concessão da área requerida, que tem 12.500 metros quadrados, nas seguintes condições: mediante pagamento de 50% do preço atual dos lotes urbanos, ou seja, 500 réis por m², ou o total de 6.250\$000, em três prestações iguais, sendo a primeira na ocasião da concessão e as duas outras respectivamente no fim do 1º e 2º anos; b) reversão da área concedida ao Estado, no caso de dissolução da sociedade, não podendo a mesma, além disso, ser consagrada a destino diferente do esportivo, salvo autorização expressa do Governo do Estado. 06 02 27 (ass.) A.A. Borges de Medeiros. (A VOZ DA SERRA, novembro de 1971, p.5)

Através do trecho deste documento de concessão é possível pressupor que, durante o período de colonização de Erechim, as associações criadas pelos imigrantes buscavam, junto ao poder público, meios de auxílio para expansão de seu patrimônio. Por sua vez, o poder público buscava incentivar as associações, neste caso um clube de futebol. O meio encontrado no documento citado no jornal "A Voz da Serra" foi subsidiar a aquisição de uma área onde o Ítalo Brasileiro praticaria o futebol.

Outro registro de que o Governo do Estado incentivava a prática esportiva através de associações e entidades ligadas aos imigrantes aparecem na Revista DM, de 28 de fevereiro de 1999. Ali está relatado que o Ítalo Brasileiro já havia sido beneficiado com a área adquirida de modo subsidiado:

Em agosto de 1922, o chefe da Comissão de Terras, Mário Requião, cedeu ao clube pelo espaço de cinco anos, o terreno situado no fim da Rua Inglaterra (hoje rua Itália), um quarteirão, onde está localizado hoje o Hospital Santa Terezinha, sendo inaugurado em 03 de setembro de 1922. Ainda, segundo Illa Font, o movimento revolucionário que convulsionou o Estado, e principalmente este município, paralisou totalmente a vida esportiva e social do S.C. Ítalo Brasileiro (...).(REVISTA DM de 28 de fevereiro de 1999)

A revista menciona ainda outros clubes ligados aos imigrantes:

Em 1914, imigrantes alemães fundaram a "Deurscher Cabral". Em 1924, recebe o nome de Germânia. Em 1933, Weirein GWC (fusão com as sociedades Waldesgruss e Concórdia). A Germânia era uma entidade social e escolar, a Waldesgruss, uma sociedade de cantores

e o Concórdia de Ginástica. Após a fusão e apesar do título GWC, representativo das sociedades reunidas, continuou sendo chamada de Germânia. Posteriormente vai surgir o Caixeiral e o 25 de Julho [...]. Em 20 de setembro de 1915, surge a “Societá Mútu Socorro Carlo Del Prete”, que resultou em 1937, na Sociedade Recreativa Atlântico. A Colônia Polonesa também teve sua agremiação: era a sociedade “Nicolaiia Kopernica”, que mais tarde passou a denominar-se Sociedade Recreativa Ruy Barbosa. (REVISTA DM, 28 de fevereiro de 1999).

Zambonato (2000) considera que o sentimento gregário do homem estimula o surgimento de associações e agrupamentos. A organização desses grupos tem por base sua origem étnica, e é motivada pelo fato de que muitos imigrantes sequer falavam o português. É certo que Zambonato (2000) segue uma linha de pensamento coerente em sugerir que o estímulo para que as primeiras associações fossem de origem étnica em função da língua comum dos grupos de imigrantes. Porém, para explicar o desenvolvimento de rivalidades futebolísticas é necessário considerar, também, que as superfícies de atritos entre as diferentes agremiações passaram a ser mais profundas com a maturação da sociedade erchinense. As associações, que além da prática esportiva tinham uma perspectiva de desenvolvimento cultural e de lazer, era o espaço, não apenas no seu sentido físico, de encontro entre as pessoas. Este espaço, poderia ser o ponto de encontro para prospecção de negócios, ou mesmo para o surgimento de casamento e novas famílias. Esta perspectiva de análise sugere, portanto, que os laços criados nesses clubes e associações eram mais profundo do que o sugerido por Zambonato (2000).

Eric Hobsbawm, (1990, p. 78-79) busca estabelecer os laços que unem os grupos étnicos e por conseqüência exclui membros estranhos:

O que dizer sobre a etnicidade? No uso comum, é sempre ligada, de modo inespecífico, à origem e descendência comuns, das quais se alega derivarem as características comuns dos membros do grupo étnico. “Parentesco” e “sangue” têm uma óbvia vantagem em ligar membros e excluir estranhos. (HOBBSAWM, 1990, p.78 e 79)

A presente pesquisa assume a hipótese que os clubes e associações nos primeiros momentos de formação da sociedade erchinense, eram um espaço de convergência e convivência entre as pessoas que viviam na cidade. O “espaço” percebido além do seu sentido físico. O espaço considerado em seu sentido geométrico, abstrato e caracterizado pela continuidade,

homogeneidade e tridimensionalidade. Em outras palavras, o espaço como referência de coexistência e simultaneidade.

Apesar da organização para a prática esportiva ter iniciado através de associações de imigrantes, não demorou muito para surgir outros clubes, times e entidades baseados em outras características, como a proximidade geográfica, ou organização por funcionário de uma mesma empresa ou estado civil. Todos, não por coincidência, com data de fundação após a implantação do Estado Novo no Brasil, pois é neste momento que as agremiações com motivações étnicas são diluídas.

O próprio Zambonato (2000) cita alguns exemplos: O Clube Esportivo e Recreativo Brasil, que nasceu no bairro Três Vendas em 1938 e teve sua primeira sede localizada em frente à igreja do bairro. O Clube Esperança, fundado em 1940, que construiu sua sede própria somente em 1954, no local onde hoje é o bairro Esperança. O Clube Esportivo, Recreativo e Beneficente Atlético do Linho, fundado em 1952, no bairro denominado Linho, visto que no local havia uma usina de beneficiamento de fibras de linho. O Guaraní Futebol Clube, em 1968 e cuja sede funciona em anexo às instalações de CEEE. O Reumatismo Futebol Clube, fundado em 1966 no bar de Máximo Sideruk, que aceitava em seu quadro titular somente homens casados e dispostos a praticar qualquer atividade esportiva permitida por lei; em 1985 ele passa a se chamar Associação Cultural e Esportiva Paiol Grande. O Olaria Futebol Clube, fundado em 1958 na Parada Gauer do Desvio Giareta, onde havia uma madeireira e havia um desvio na estrada de ferro para maior comodidade no carregamento dos vagões que iam até o local para buscar madeira. Esporte Clube 14 de Julho, nasceu em 1936, e era considerada a “pedra no sapato” do Clube Atlântico; torcedores costumavam dizer que quando o Atlântico vencia seu maior rival, o Ypiranga, tropeçava na garra do 14 de julho.

O jornal Diário da Manhã traz mais informações sobre este clube:

[...] No dia 20 de novembro de 1936, foi fundado na cidade, outro clube do esporte das multidões. Trata-se do E.C. 14 de Julho, que teve o mérito de incentivar ainda mais nos erechinenses o gosto pelo futebol. (...) na Ata de inauguração, consta 131 sócios fundadores. [...] O gramado do S.C. 14 de Julho, em 1968, era um dos melhores da região e sua inauguração deu-se em 29 de agosto e 1943 (antes era de terra batida). [...] Este clube contava em 1968 com

aproximadamente 2.000 sócios. (DM REVISTA 28 de fevereiro de 1999).

Outro clube de futebol de destaque em Erechim foi a Associação Cultural e Esportiva Juventus Acejá, fundada em 1976 através da fusão dos clubes do Juventus e Aimoré. O Esporte Clube Corinthians foi fundado em 7 de setembro de 1951 por jovens entre 10 e 17 anos que se reuniam para jogar futebol no Morro da Cegonha. Por fim, o Esporte Clube 13 de Maio, fundado em 1949 era localizado na Avenida Farrapos e conhecido como o “clube dos negros”, como mostra o registro fotográfico do Arquivo Histórico Municipal de Erechim:



Figura 3: Clube 13 de Maio

Fonte: Acervo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

O registro fotográfico do clube 13 de Maio foi feito aproximadamente no ano de 1950, segundo o registro do Arquivo Histórico Municipal de Erechim e mostra uma divisão social bastante evidente. Os mais desavisados podem pensar que a foto retrata um jogo envolvendo dois times de países diferentes, um africano e outro europeu. Mas trata-se de uma partida de futebol envolvendo clubes da cidade de Erechim.

2.3 Nasce um clube patriota

Corria o ano de 1924, ano do centenário da Independência do Brasil, e durante os vinte anos anteriores uma série de clubes esportivos/sociais, em diversos estados brasileiros passam a homenagear o rio Ipiranga, que havia se tornado um símbolo da independência do Brasil. O primeiro clube a receber este nome está localizado no bairro Ipiranga em São Paulo, no ano de 1906. No mesmo ano surge um homônimo em Salvador. Nos anos seguintes a idéia se difunde pelo restante do Brasil. Macaé – Rio de Janeiro (1912); Niterói – Rio de Janeiro (1912); Marataises – Espírito Santo (1912); Porto Alegre – Rio Grande do Sul (1917); Conceição da Barra – Espírito Santo (1917); Porto Velho – Rondônia (1919); Jundiaí – Rio Grande do Sul (1920); São Francisco do Sul – Santa Catarina (1924) e Erechim – Rio Grande do Sul – (1924)

O site oficial do Ypiranga FC traz um breve relato sobre o que motivou um grupo de amantes de futebol a fundar um novo clube na cidade de Erechim, no dia 18 de agosto de 1924.

O Ypiranga Futebol Clube nasceu em 18 de agosto de 1924. O grupo de fundadores era formado por João Reus Solon, Jacinto Godoy, Silvestre Pericles de Godoy, Monteiro e José Maria de Amorin, Nilo Amorin, Vitório Alavise, Ercília di Francisco e tantos outros. A fundação ocorreu devido a uma partida com o único clube existente na cidade, o Ítalo Brasileiro. O encontro do Ítalo Brasileiro com o Douradense, com sede no interior denominado Dourados. A partida ocorreu no campo onde hoje é a praça Júlio de Castilhos. Ao final do jogo, iniciou uma briga generalizada entre dirigentes, jogadores e torcedores. Segundo os fundadores, este foi o motivo da fundação do Ypiranga Futebol Clube. As senhoritas da época fundaram, uma torcida organizada que até rainha existia, o grupo se chamava "As legionárias". A primeira partida do canarinho ocorreu precisamente no dia 20 de setembro de 1924, contra o temível Ítalo Brasileiro, jogo vencido pelo Ypiranga por 1 x 0. ([HTTP://WWW.YFC.COM.BR/SITE/?I=1](http://www.yfc.com.br/site/?I=1), acessado em 29-06-2012).

O fragmento, retirado do site oficial do clube, mostra que a mulher erechinense tinha o seu espaço bastante definido dentro do grupo que fundou o Ypiranga. A primeira torcida organizada do clube foi feminina - "As Legionárias" - que chegaram a vender botões de rosa durante as partidas para

arrecadar fundos para o clube. O hino do clube¹ também faz referência à mulher erechinense:

“Nossas cores na pátria inspiradas / Têm o verde da terra e do mar /
No amarelo refulgem as fadas / Do esplendor e riqueza sem par / E
no campo se vêem promissoras / As defesas... e o ataque que
avança.../ Eis, vamos gentis torcedoras / Para a glória da nossa
esperança!”

A mulher também teve papel de destaque em solenidades oficiais do clube, Zambonato (2000, p. 177), cita que o protocolo abria espaço para a mulher erechinense:

Foi construída uma nova sede para o Ypiranga e a inauguração contou com a presença do prefeito Amintas Maciel. Os trabalhos foram abertos pelo vice-presidente, Aquilino Faccenda. A mesa diretora estava formada entre outros pessoas, e representantes da Sociedade Germânica e professor João Frainer, que representava o Clube Comercial de Erechim, o orador oficial foi Antônio Lorenzoni. Em nome da mulher de Erechim falou Lucinda Sá. (ZAMBONATO, 2000, p.177)

Chama a atenção, na história do Ypiranga, a participação ativa da “mulher erechinense”. Inicialmente pode-se considerar que este fato tenha sido um diferencial comparativamente com a história de outros clubes não apenas de Erechim, mas de outras regiões do Rio Grande do Sul ou do Brasil. Cabe lembrar, porém, que a mulher tinha, sim, uma participação proativa no cotidiano de clubes, agremiações, ou mesmo outras entidades, ainda que poucos registros tenham sido preservados. No caso do Ypiranga, este registro permaneceu em destaque, inclusive no hino do clube. Durante o final do século XIX e começo do século XX a mulher passou a assumir um papel de protagonista em determinados setores da sociedade.

Um exemplo trazido por Hobsbawm (2012, p. 361) é:

O aparecimento da mulher da classe média, cada vez mais no palco público por direito próprio. Enquanto o numero de meninos nos lycées

¹ Trecho do hino do clube, composto em dezembro de 1928, tendo por letra de Péricles de Góis Monteiro e música de Ricardo Kreiche).

franceses entre 1897 e 1907 aumentou apenas discretamente, o número de meninas elevou-se 170 por cento.(HOBSBAWM, 2012, P.361)

Apesar de Hobsbawm referir-se a uma situação na Europa, é necessário enfatizar que aquele continente era uma referência cultural para o restante do mundo.

Ducatti Neto (1981) ao registrar a história do Ypiranga, faz um relato um pouco mais detalhado, comparativamente ao extraído do site do clube. O autor acrescenta alguns outros nomes na fundação do Canarinho, bem como enfatizando que alguns deles faziam parte do primeiro clube de futebol erechinense, o Brasil Team. Para o autor, tanto o nome do clube, quando as cores escolhidas são referência de patriotismo:

Na tarde daquele longínquo 18 de agosto, disputavam uma partida de futebol o extinto S.C. Ítalo Brasileiro e os remanescentes do Brasil Team. Estes perderam o jogo que Theodoro Tedesco qualificou de “pelada”, e após o jogo, vários desportistas resolveram fundar um novo clube. A idéia partiu de um grupo de 24 amantes do futebol, entre os quais se encontravam João Vitorino dos Reis, Florêncio Antunes de Oliveira, Dr. Sigismundo Pollak, Favorino Pinto, Themístocles Ochoa, Heraclides Franco, Fioravante Tagliari, João Magnabosco, Theodoro Tedesco, Arthur Incerti, Paulo Damaceno Ferreira e Vítório Alovise. No mesmo dia essas pessoas se reuniram no salão de festas do Hotel Central, de propriedade de Florêncio Antunes de Oliveira, instalado onde mais tarde funcionou a casa Arioli. A reunião teve início às 18 horas e a primeira providência tomada foi relacionada ao nome que deveria ter a nova entidade. Velhos moradores de Erechim afirmam que este grupo eram ardorosos patriotas e desde logo escolheram as cores verde e amarelo para o pavilhão desta agremiação e para o fardamento e, nessa ocasião um dos presentes, João Antonio Sicoli, teria gritado: “Então Viva o Ypiranga S.C.”. A verdade é que este foi o nome escolhido e, na mesma data, foram escolhidos por aclamação o seu primeiro presidente, Francisco de Oliveira Dias e Florêncio Antunes de Oliveira, os quais foram imediatamente empossados. (DUCATTI NETO, 1981, p. 149).

Dentre os nomes citados no trecho acima, que aparecem como fundadores do Ypiranga, dois aparecem em outro trecho do livro de Ducatti Neto. O autor cita pessoas “ilustres e abnegadas” que fizeram parte da formação do município. O senhor Theodoro Tedesco é retratado como um cidadão que exerceu por mais de 50 anos o cargo de Escrivão do Registro Civil. Atuou na política do município e foi um grande desportista. Themístocles Ochoa, é retratado como sendo um político de destaque do Partido Libertador e filho de Marcos Ochoa, também político do Partido Libertador, entre os anos de 1922 e 1943. (Ducatti Neto, 1981, pp. 276-288).

No ano de 1923, apenas um ano antes da fundação do Ypiranga FC, uma guerra civil nasce no Rio Grande do Sul, e Temístocles Ochoa, um dos fundadores do clube, tem um papel importante nos reflexos desta guerra civil em Erechim ao ser nomeado governador do Município. Ducatti Neto trata o momento histórico como “revolução” e relata:

A revolução de 1923 foi desencadeada pelos partidários do Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, inconformados com o resultado das eleições realizadas para a Presidência do Estado, que deram a vitória ao candidato do governo, Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros para um mandato de mais de 5 anos. [...]

No dia 5.1.1923, foi empossado no cargo de Intendente Municipal de Erechim o Cel. Celestino A. de Souza Franco, o qual foi forçado a abandonar a vila ante a aproximação das forças revolucionárias que, entrando na vila, empossaram o Dr. Marcínio Castilhos no cargo de governador.

Esta ocupação, no entanto, foi efêmera, pois os revolucionários (ou maragatos), ante as providências do Governo do Estado, abandonaram a vila após 24 horas, dando ao Dr. Marcínio Castilhos, apenas o tempo necessário para nomear o Cap. Estevam Tabaczinski, comissário do povoado de Floresta.

Reassumindo a direção do município, o Cel. Celestino Franco, dado o ambiente de insegurança reinante, pouco ou nada empreendeu em favor da coletividade, deixando o município em precárias condições financeiras.

No dia 12 de março do mesmo ano, as forças do Gal. Felipe Nery Portinho fizeram sua reentrada na vila. Deram liberdade a todos os presos, em número de 13, prenderam a polícia que guardava a Cadeia Civil, apreendendo todo o armamento pertencente à referida polícia.

Entretantes, todos os funcionários públicos, por ordem do Governo do Estado, retiraram-se para Passo Fundo, com exceção do Intendente, ficando o município acéfalo, entregue aos desmandos e à anarquia.

A fim de normalizar a situação, o Gal Felipe Portinho resolveu nomear o Cap. Temistocles Celso Ochoa, governador do Município, efetuando-se a posse em 12 de abril de 1923. (DUCATTI NETO, 1981, p. 124 e 125).

Ducatti Neto (1982) sustenta que, ao contrário do que a população esperava, o governo revolucionário do município caracterizou-se por muita ordem e segurança, sendo que Temistocles Ochoa fez um grande esforço para que todos, indistintamente, tivessem garantidos os seus direitos. Para gerir Erechim, nomeou um Secretário Municipal, um Comissário de Três Arroios, um ajudante e requisitador do governo provisório, um tesoureiro da municipalidade, um ajudante do comandante de polícia, um subdelegado de polícia, um comandante da Polícia municipal e um Delegado de Polícia.

Nos meses seguintes, acontece uma série de encontros entre forças legais e os sediciosos, onde são registrados alguns combates, com mortes de

ambos os lados, porém em dezembro de 1923 é assinado o tratado de Pedras Altas e encerra a guerra civil. Meses depois acontecem eleições para deputados federais, e posteriormente para intendente, vice-intendente e conselheiros municipais.

Muitos dos fundadores do Ypiranga mantinham uma vida política bastante participativa no cenário da municipalidade e exerciam grande liderança e influencia em diferentes setores. O nome do clube surgiu de uma sociedade empresarial que também se chamava Ypiranga e se localizava nas imediações do antigo prédio da empresa Madalozzo. O clube tinha por objetivo representar os colonizadores mais humildes que começaram a chegar a partir de 1910 e por isso foi realizado um trabalho “porta a porta” para atrair novos sócios. Na época era necessário o convencimento dos pais para que eles deixassem seus filhos e filhas participarem das reuniões e nesta época as mulheres demonstraram grande interesse pelo futebol.

O registro fotográfico a seguir mostra uma das primeiras formações do Ypiranga. A fotografia é de fevereiro de 1925, apenas seis meses depois da fundação do Ypiranga FC. Aparecem na foto os atletas: Gradin, Horací de Oliveira, David Massignan, Ludovico Incerti, Ernesto Kreische, Lourenço Assoni, Artur Incerti, Alcebides Estes, Reinaldo Tagliari, Miguel Nunhofer e Roberto Mattos, além do presidente: João V. dos Reis.



Figura 4: Equipe do Ypiranga em 1925

Fonte: Acervo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

Pungan (2012) esclarece que desde a fundação do Ypiranga, o clube sempre teve a sua frente grupos de empresários que comandavam o futebol, ou de alguma forma davam suporte nos bastidores do clube, porém nunca houve dentro da política interna do clube distinção no seu quadro social de nacionalidade, classe, partido, religião ou qualquer outra forma, todos no clube sempre foram muito bem recebidos.

Tanto o nome quanto as cores identificaram o Ypiranga com a nação brasileira. Com relação aos motivos que levaram a fundação do clube Pungan (2012) destaca que:

Houve uma briga com o Ítalo Brasileiro, que era formado na sua maioria por italianos e formou-se o Ypiranga [...] havia uma rivalidade, no bom sentido, e um determinado grupo resolveu formar um outro time, porque pensavam que a maneira que as coisas estavam não ia dar certo. Na época da fundação do Ypiranga havia dois times em Erechim: o Ítalo Brasileiro e o Douradense, mas o único que era da área urbana de Erechim era o Ítalo-Brasileiro, o Douradense era de um distrito.(PUNGAN, 2012)

Pungan (2012) lembra que mesmo nos primeiros momentos do futebol em Erechim havia grande rivalidade, mas segundo ele, a rivalidade precisa ser entendida como algo um pouco diferente do que é entendido atualmente. Para ele naquele tempo o futebol era amador, pois “ela se formava porque o filho de alguém era atleta de um clube e o filho do outro defendia outro clube, e assim formava uma rivalidade”. :

Na visão de Pungan (2012) o futebol atualmente é muito diferente do que era feito em Erechim desde a fundação do Ypiranga. O fato de todos os envolvidos serem amadores trazia outro espírito e outro envolvimento da comunidade. Um futebol onde o sentimento de voluntariedade envolvia dirigentes e atletas, fomentando a abertura de novos espaços, onde a maneira de manter os espaços de lazer e os espaços para a prática esportiva vinham da agregação da população da cidade.

Neste contexto, o Ypiranga surge não somente como uma opção de espaço de futebol na área urbana de Erechim, mas uma opção que trazia consigo, simbolicamente, alguns elementos pátrios.

2.4 – A rivalidade

A maior rivalidade registrada no futebol erechinense foi entre Atlântico e Ypiranga. Seus embates eram conhecidos como “Atlânga”. Entretanto, estes dois clubes não foram os únicos a rivalizar nos certames locais.

Após a fundação do Ypiranga, no ano de 1924, o Ítalo-Brasileiro passa a rivalizar com o clube Canarinho. Poucos anos depois o Ítalo encerra suas atividades. O jornal “A Voz da Serra”, de 28 de novembro de 1971, traz na coluna “Dos Arquivos de AAC” traz um relato deste contexto. O autor ainda traz a informação de que algumas pessoas ligadas ao Ypiranga haviam sido ligadas ao “Brasil Team”, e que alguns desportistas do Ítalo-Brasileiro fundariam, anos depois o Atlântico FC. Porém, o jornal deixa claro que não se pode associar diretamente o Brasil Team com o Ypiranga, tampouco o Ítalo-Brasileiro com o Atlântico. O produtor do material jornalístico comete um pequeno erro, afirmando que o time havia sido extinto no ano de 1926. Documentos, inclusive expostos anteriormente neste trabalho (concessão de uma área onde

atualmente é o Hospital Santa Terezinha) e alguns que serão expostos na sequência, trazem o registro de que ele se manteve em atividade até 1929:

O SC Ítalo Brasileiro, gloriosamente falecido em 1926, foi uma instituição do Erechim Famoso. Congregando uma boa parte da elite de então e, numa rivalidade furiosa com o nosso velho Ipiranga, teve, na sua curta vida, dias de fausto e de grandeza, empolgantes para a época.

Dizem os menos avisados que o Atlântico é constituído de “resíduos” do Ítalo, o que não é verdade. Realmente, muitos ex-militantes do falecido integram hoje as hostes rubro-verdes. No entanto, antigos membros do Ítalo, são hoje firmes amarelos (e eu cito o meu grande amigo Jardino Schenato, que até foi presidente do Ipiranga). A verdade incontestável é que o Ítalo-Brasileiro, guardadas as peculiaridades daquele tempo, foi um grande clube, respeitado e admirado. [...] As brigas que ocorriam entre alvi-celestes e auri-verdes provocavam muita “fofoca”, entre as quais disputa de jogadores. (A VOZ DA SERRA – de 28 de Novembro de 1971 – página 5” – Coluna “Dos Arquivos de AAC – assinada por JC”)

O futebol erechinense sofre dias de incerteza nos anos seguintes, com a extinção do Ítalo-Brasileiro. O Ypiranga também passa a ter dificuldades para manter seu quadro em atividade, visto que a ausência de uma rivalidade desmotivou a prática esportiva e o futebol em Erechim passou a viver de algumas improvisações. Alba (2008) relata que este vácuo no futebol local fez com que novamente grupos se organizassem para o surgimento de uma nova agremiação, o Atlântico:

Começou assim... Um quadro organizado às pressas, para a disputa de jogos varzeanos, na Floresta, no Kilômetro 10 etc [...] O quadro parece que nem tinha nome [...] O futebol paralisado em Boa Vista do Erechim. Com o desaparecimento do S.C. Ítalo Brasileiro, 1929, Ipiranga também cessara as suas atividades futebolísticas, e formavam-se, então, quadros de ocasião para a realização de disputas sem maior importância. [...] Dessas improvisações é que surgiu a idéia da fundação do Atlântico, o que se realizou em 3 de fevereiro de 1937. (ALBA, 2008, p.55).

No contexto dos primeiros anos da década de 1930, é possível avaliar que o surgimento de um clube que superasse o cenário de improvisações, trouxe um novo momento para o futebol local. As disputas que eram vivenciadas entre Brasil Team e Ítalo Brasileiro, passam a acontecer, após 1924, entre Ypiranga e Ítalo Brasileiro. A partir de 1937, e pelas próximas quatro décadas, surge a maior rivalidade do futebol erechinense: Ypiranga vs. Atlântico. A rivalidade aconteceu até o ano de 1976, quando o clube verde-

rubro (Atlântico) encerrou as atividades do departamento de futebol profissional.

Alba (2008) relata que, logo após a fundação do Atlântico FC, originou-se um grande espírito de competitividade com o Ypiranga. Desde 1929 não havia competições oficiais em Erechim e, com o surgimento do Atlântico, foi possível reativar a associação que dirigia o futebol na região, com o objetivo de organizar campeonatos. A criação do Atlântico FBC propiciou o surgimento de um campeonato municipal que contou com a participação de mais três equipes: o Ypiranga, o Grêmio Sportivo Germânia e o Sport Club 14 de Julho.

O autor relata que logo após o surgimento do Atlântico, os treinos da equipe eram realizados no campo do Ypiranga, que era o único campo disponível na cidade. Logo que clube passou a ter um time de qualidade, o Ypiranga passou a cobrar uma quantia elevada pelo espaço. O Atlântico foi levado a improvisar um campo, que era localizado na mesma rua, e muito próximo à estrutura do Ypiranga.

Seguindo a linha de pensamento proposta por Alba (2008), é possível traçar uma história comparada dos dois clubes, concluindo que a rivalidade não motivou apenas a projeção estadual dos dois clubes, mas contribuiu para a ampliação de seus patrimônios físicos. As ações das duas diretorias eram semelhantes e aconteciam quase que simultaneamente. Observam-se quatro exemplos: 1) Em 1952 os dois clubes são qualificados pela Federação Rio-Grandense de Futebol como profissionais da Segunda Divisão. Isso quer dizer que no mesmo ano os dois clubes rompem a fronteira da cidade, e ganham reconhecimento estadual; 2) no ano de 1963 o Atlântico inicia as obras de construção do novo pavilhão do estádio (a iluminação foi implantada e inaugurada na noite de 28 de março de 1967, em uma partida contra o Gaúcho de Passo Fundo). No mesmo ano, 1963, O Ypiranga, inicia as obras do Colosso da Lagoa, que na inauguração (1970) contava com um dos mais modernos sistemas de iluminação para estádios de futebol; 3) em 1967 o Ypiranga havia ingressado na Divisão Especial do Campeonato Gaúcho. O Atlântico conquista sua vaga apenas quatro anos depois, no ano de 1971; 4) no ano de 1972 as duas equipes soltam uma nota oficial na imprensa de Erechim comunicando que estavam desistindo de participar da Divisão Especial por problemas financeiros. Acontecem eleições do Ypiranga e o novo presidente

opta em participar da competição. Quatro anos depois, o Atlântico faz um grande investimento e novamente conquista sua vaga entre os principais clubes do futebol Gaúcho.

O material publicitário exposto a seguir mostra que, durante a divulgação das partidas entre Atlântico e Ypiranga, os torcedores eram incitados a acompanhar o clássico local. O material exalta a “partida da técnica e ardor”. Cita os dois clubes como “leais e valorosos adversários do futebol local” destacando que as equipes estão preparadas para “propiciar ao numeroso e distinto público em embate que honrará as paginas de ouro da crônica esportiva de José Bonifácio”. Vale lembrar que este material circulou na cidade antes dela receber o nome de “Erechim”.



Figura 5: Material publicitário para divulgação de partida entre Atlântico e Ypiranga

Fonte: ALBA, 2008, p. 75.

Ao avaliar a rivalidade do futebol erechinense é possível observar que o atrito entre rivais fica mais intenso na proporção temporal, ou seja, quando mais memória entre os confrontos de duas equipes, maior a rivalidade. Como foi visto anteriormente, isto pode ser considerado como uma regra no universo futebolístico, não sendo uma realidade apenas de Erechim.

O radialista Francisco Basso Dias (2012), que cobria os jogos do Ypiranga no período em que o Colosso da Lagoa foi construído e inaugurado, destaca que nesta época existiu uma rivalidade muito grande entre Ypiranga e Atlântico, comparada ao que é vista atualmente entre Internacional e Grêmio. Mas com a desistência do Atlântico de fazer futebol e conforme os anos foram passando essa rivalidade foi acabando e hoje muitos atlantistas colaboram com o Ypiranga e vice-versa.

Hobsbawm (2012) destaca que o esporte da classe média combinou dois elementos da invenção da tradição: o político e o social. Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

Em entrevista, Basso Dias (2012) exemplificou a acentuada rivalidade que vigorava na época:

Só para citar um exemplo, em Erechim existia um local que se chamava “Café Grazziotin” que ficava na Avenida Mauricio Cardoso, no centro da cidade e era um dos principais pontos de encontro de Erechim. O salão deste café era dividido ao meio. No lado esquerdo ficavam apenas torcedores e lideranças do Atlântico, já no lado direito ficavam somente pessoas identificadas com o Ypiranga. Na época, as pessoas que paravam no local para tomar um cafezinho em uma segunda-feira após um Atlanga, se formava um burburinho, haviam provocações, mas claro, tudo sempre dentro daquele espírito esportivo. No passado as coisas eram assim, mas agora houve muita mudança (BASSO DIAS, 2012).

Pungan (2012) conta que até o final da década de 1970 os Atlangas eram como os Gre-Nais em Porto Alegre. A mobilização era muito grande pois eram realizados entre três e quatro partidas todos os anos. Os jogos eram disputados de uma maneira muito especial, e um detalhe muito importante é que esses jogos eram disputados por pessoas amadoras. Quase 100% das pessoas envolvidas não ganhavam nada para se envolver com o futebol. No máximo os jogadores ganhavam um “bicho” quando venciam um jogo. Para o entrevistado “assim se criou a rivalidade” pois “eram os filhos das famílias de Erechim que iam para o campo assistir os jogos”.

Para Pungan (2012), se faz necessário compreender que:

O futebol era amador e desta forma se criou a rivalidade, é diferente do futebol hoje, que é completamente profissional, hoje não existe rivalidade, o que move é o dinheiro não é o amor pela camisa. Hoje eu não vejo como dois times possam ser rivais e crescer, pois há uma competição para a contratação de jogadores e os clubes acabam se afundando em dívidas. Hoje a média da população que vai a um estádio de futebol é de 1,5% a 2% da população da cidade. Mesmo em cidades como Porto Alegre a média se mantém dentro desses números. Quando mais pessoas vão ao estádio, geralmente são de cidades vizinhas ou do interior. Quando as coisas são feitas na base do amadorismo, todos se mobilizam para que o seu clube seja o melhor (PUNGAN, 2012).

Neste ponto surge uma questão essencial. Até que ponto um grupo representante de uma parte da sociedade consegue se mobilizar para ocupar o espaço de um rival? É possível ter uma idéia observando o patrimônio físico que este grupo acumulou durante a sua história.

O próximo capítulo traz um breve histórico de como o Ypiranga conseguiu se tornar uma referência. É certo que um longo caminho foi percorrido desde a pequena área adquirida em 1928 na Rua Bento Gonçalves, até o gigante estádio construído na Avenida Sete de Setembro. Este caminho será exposto no próximo capítulo.

3. NASCE O GIGANTE DE CONCRETO ARMADO

Apresentamos, anteriormente, que a rivalidade entre clubes de futebol é sustentada por três pilares fundamentais: time, torcida e patrimônio. Não há uma ordem de importância entre os três elementos; todos têm o mesmo peso no imaginário coletivo. O capítulo que começamos agora procura focar um desses pilares: o patrimônio. A intenção não é tratar o patrimônio imaterial, mas o patrimônio físico, que é tratado como um “cartão de visitas” para todos aqueles que não fazem parte de seu quadro social. O objetivo aqui não é apenas contar a história do Ypiranga, mas como o clube se constituiu enquanto patrimônio físico dentro da organização urbana de Erechim. Expomos aqui de que maneira aconteceram as primeiras aquisições do clube, como o patrimônio cresceu, destacando os elementos sociais que contribuíam para a consolidação física do clube. Por fim, aponta a transição de um pequeno clube semi-profissionalizado para um clube capaz de construir um estádio de proporções enormes para a época e que, mesmo depois de quatro décadas, segue sendo uma referência de estádio no interior do Rio Grande do Sul.

3.1 – O Ypiranga e seu primeiro estádio

Logo nos primeiros anos após sua fundação, o Ypiranga passa a investir no patrimônio físico do clube. O clube teve quatro sedes, que sofreram destruição por incêndio por duas vezes. Após a década de 1960, o clube passa a manter um patrimônio exclusivo para manter em atividade o departamento de futebol, não tendo mais estruturas sociais.

O primeiro investimento feito em patrimônio foi a compra de uma chácara para a construção de sua sede. A aquisição aconteceu em 1928, onde atualmente é o bairro Ipiranga. Nos próximos meses o clube passa a comprar áreas vizinhas para a estruturação de seu campo, mais tarde seu estádio. No ano de 1945, o clube inaugurava no local um pavilhão, que provisoriamente, abrigava com mais comodidade seus torcedores. A estrutura inaugurada recebeu o nome de “Pavilhão Getúlio Vargas”. O motivo da homenagem eram

as políticas públicas desenvolvidas pelo presidente – que especialmente beneficiava a juventude brasileira. Aliás, se faz necessário sublinhar agora que 35 anos depois, na construção de seu novo estádio, o Colosso da Lagoa, outro presidente seria agraciado com o nome da edificação: o General Médici.

O jornal Diário da Manhã de 20 de agosto de 1994, traz um registro sobre as primeiras aquisições do Ypiranga:

O Ypiranga compra lote para seu estádio

O primeiro estádio que o Ypiranga possuiu foi o denominado “Montanha”. Segundo o Registro de Imóveis, o lote no. 2 da Chácara no. 1, de propriedade do casal Fernando de Carvalho, em data de 18 de maio de 1928. Custou na época a importância de sete contos de réis. A segunda chácara para fazer o campo de futebol, foi porque o clube começou a subir e ter notoriedade na cidade. O então presidente Lizandro Araújo reuniu-se com a diretoria, e resolveram adquirir uma gleba de terra para construção de um estádio próprio.

Apesar de raros, ainda é possível encontrar registros históricos do Ypiranga no período anterior à década de 1960, quando iniciou a construção do estádio Presidente Médici, o Colosso da Lagoa. Registros fotográficos ajudam a contar um pouco da história. A foto a seguir foi tirada na década de 1920. Este local foi adquirido no ano de 1928 pelo Ypiranga F.B.C. Nesta chácara, e no seu entorno, na atual Rua Bento Gonçalves, o clube construiu sua praça de esportes, com campo de futebol e arquibancadas para os torcedores:



Figura 6: Chácara onde foi construído o Estádio da Montanha

Fonte: Acervo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

A foto a seguir mostra um material de divulgação para a festa de inauguração do pavilhão construído na praça de esportes do Ypiranga. A nova estrutura reforça o sentimento nacionalista do Ypiranga e presta uma homenagem ao presidente Getúlio Vargas. Para a inauguração desta estrutura, foram convidados para jogos amistosos entre Ypiranga e seu maior rival o Atlântico. A solenidade de inauguração contou com a participação de representantes do executivo local e autoridades eclesiásticas. O material publicitário foi produzido no ano de 1945:

IPIRANGA F. B. C.

Associando-se às comemorações pela passagem do 27.º aniversário da nossa emancipação Municipal, inauguraremos à 30 do corrente, sob o alto patrocínio do Exmo. sr. dr. Jerônimo Teixeira de Oliveira, DD. Prefeito, o **Pavilhão** construído em nossa praça de esportes e denominado "**GETULIO VARGAS**" em homenagem àquele que tudo fez em prol da Juventude Brasileira.

O ato que será paraninfado pelo **C. E. R. ATLANTICO**, Campeão Municipal, obedecerá ao seguinte programa:

• Às 13,30 horas, interessante jogo preliminar entre as esquadras aspirantes do **IPIRANGA e ATLANTICO**;

• às 15,30 horas, vocalização do Hino Pátrio e do Hino do Clube e hasteamento do Pavilhão Nacional;

• às 15,45 horas, benção pelo Rev. Vigário local; abertura simbólica do Pavilhão e desceramento da Placa comemorativa. Discurso oficial pelo dr. Rodrigo Magalhães e homenagens postuma aos ex-dirigentes do Clube, prematuramente roubados ao convívio social: **JOÃO VITORINO DOS REIS, AQUILINO FACENDA, FLORÊNCIO ANTUNES DE OLIVEIRA** e Cel. **THEODORO SILVEIRA**;

• às 16 horas, sob o apito do cidadão **Silvio Doninelli**, Ilustre Secretário da Prefeitura, terá início o grande embate entre as aguerridas equipes principais do

IPIRANGA e ATLANTICO

A benemérita LIGA DE DEFESA NACIONAL, (Núcleo Municipal), associando-se às festividades, distribuirá, às 10 horas daquele dia, no "Cine Apolo", as flâmulas simbólicas às famílias dos heróicos **EXPEDICIONÁRIOS ERECHINENSES**

Todas as festividades serão abrilantadas pela Banda Municipal, que fará sua extra, gentilmente cedida pelo seu ilustre Presidente, dr. Marino Azambuja Oliveira.

PREÇOS:

Pavilhão Cr\$ 4,00 — Geral Cr\$ 3,00 — Meia e fardados Cr\$ 2,00

ERECHIM, 25 DE ABRIL DE 1945

A COMISSÃO

Tip. MOSELLO - Erechim

Figura 7: Material publicitário para divulgação do Pavilhão Getúlio Vargas

Fonte: Acervo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

Na sequência, uma fotografia aérea mostra o Estádio da Montanha, primeiro estádio do Ypiranga. O raro documento não tem data de registro, porém acredita-se, pela distribuição urbana e pela falta de pavimentação nas ruas, que o registro fotográfico foi feito no fim da década de 1950 ou no início da década de 1960:



Figura 8: Vista aérea do Estádio da Montanha

Fonte: Acervo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

A próxima fotografia mostra uma imagem parcial do Estádio da Montanha. A arquitetura tinha como característica o modelo dos antigos estádios ingleses. Ao fundo o pavilhão construído para melhor acomodação dos torcedores nos dias de jogos. O registro foi feito no ano de 1950:

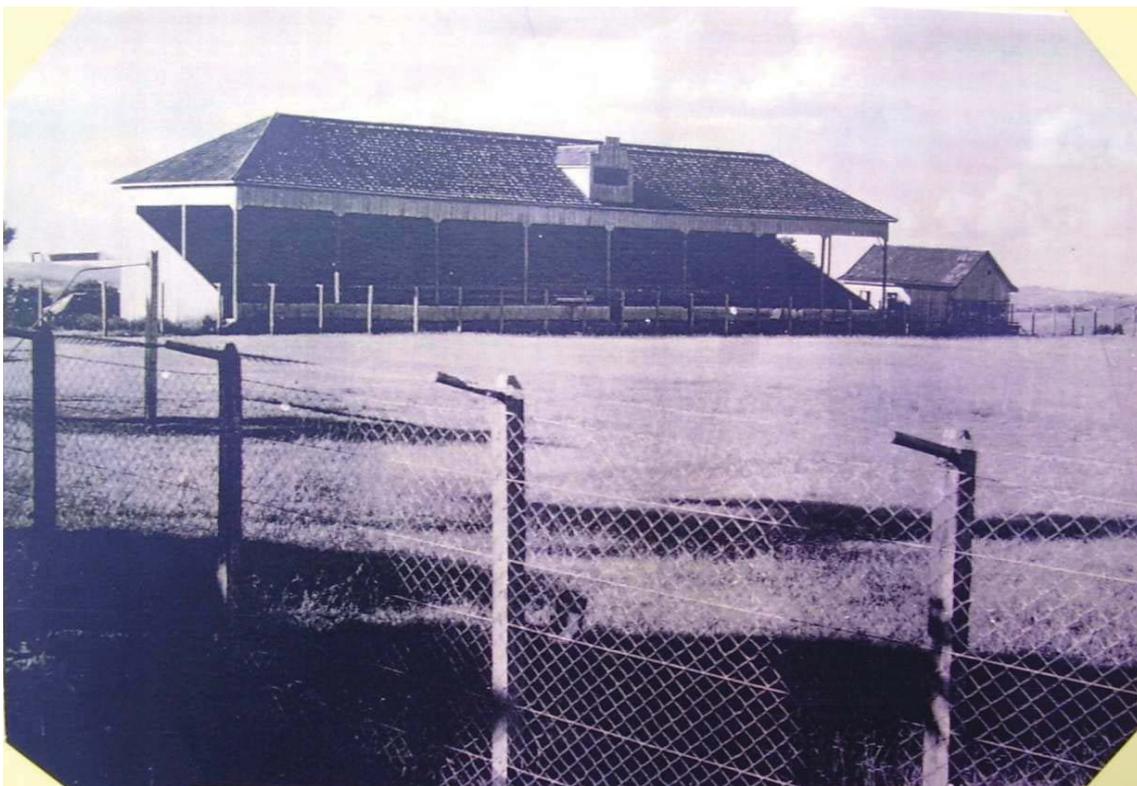


Figura 9: Vista do Pavilhão Getúlio Vargas

Fonte: Acervo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

Pungan (2012) enfatiza que depois que o Ypiranga já estava estruturado com seu campo na Rua Bento Gonçalves, os sócios viram a necessidade de ter uma sede social, mas o terreno da Rua Bento Gonçalves era muito pequeno e sem condições físicas de abrigar uma sede. Desta forma os sócios buscaram uma maneira de adquirir outra área para a sede social e assim foi incorporado ao patrimônio um terreno localizado onde atualmente é a Rua Alemanha². O entrevistado lamentou que muitos e importantes documentos históricos do Ypiranga, anterior a 1960, tenha se queimado no incêndio que aconteceu na sede do clube localizada onde hoje é a Rua Alemanha.

Mas a história do Ypiranga sofreria uma grande mudança após o incêndio na Rua Alemanha. Com a perda daquela sede era preciso reerguer

² Neste sentido é válido citar o relato de Pungan (2012) acerca da incorporação da área da rua Alemanha, pois denota a mobilização e o comprometimento dos sócios do clube na sua estruturação física e patrimonial: “Pelo meu conhecimento este terreno nem foi comprado, ele foi doado pela família Shaffer, que era ypiranguista. Veja a importância disto, pois o Ypiranga recebeu a doação de uma área onde hoje é o centro de Erechim para a construção de sua sede social”.

uma nova edificação. E a mobilização para a construção da nova sede deveria levar em conta o crescimento do quadro associativo e a pujança econômica da região. E é neste contexto que surge a figura de Dionísio Sganzerla.

Assim Pungan (2012) relembra o impacto que as ideias trazidas por Dionísio Sganzerla causaram aos sócios e colaboradores do clube.

Todos diziam que ele era um sonhador, que construir um estádio daquele tamanho em Erechim seria impossível. Mas o presidente do Ypiranga Oscar Abal aceitou a ideia e fizeram o lançamento de títulos patrimoniais. O Ypiranga comprou a chácara da Avenida Sete de Setembro, montou um grupo para organizar o processo. Havia pessoas que se dedicavam quase 24 horas por dia para fazer com o processo desse certo. Algumas pessoas largaram seus interesses pessoais e de suas empresas para se dedicar a este projeto (PUNGAN, 2012).

O cronista esportivo com mais tempo de atividade no Rio Grande do Sul, Antônio Augusto Meireles Duarte, cobria o Campeonato Gaúcho no período de construção do Colosso da Lagoa e conheceu os bastidores e da política interna do Ypiranga. Para ele o principal motivo que levou o Ypiranga construir um estádio onde cabia toda a população da cidade foi o modelo para a captação dos recursos:

Dionísio Sganzerla, que faleceu em Portugal, é erechinense e ypiranguista, andou pelo interior de São Paulo e viu que as agremiações daquela região faziam sorteio de um automóvel por semana e se mantinham muito bem. Ele sentiu que o Governo permitia esses sorteios. Então ele copiou este modelo e trouxe para Erechim se prontificando com o Oscar Abal, que foi o presidente do Ypiranga e com o Dr. Silveira que era um dos mandatários do Ypiranga, e realizou uma exposição desta ideia. Os dirigentes perceberam que a ideia era boa, mas disseram para ele: "Toma conta e faz, que nós não temos condições". Este era um plano para ser vendido em toda região.

Imediatamente eles encontraram o local, fizeram um esforço e primeiramente motivaram a cidade. Foi um sucesso. Toda a cidade ypiranguista comprava e toda a semana saía um carro, que era anunciava nas rádios, inclusive nas rádios de Passo Fundo. Aqui (Passo Fundo) teve vários ganhadores. Inclusive teve um, o "Seu Ortiz", que mora no Boqueirão que ganhou dois carros. Eram dois VMaguetes. Eu fazia entrevista com os ganhadores. (Meirelles Duarte, entrevista feita em agosto de 2012).

Pode-se dizer que o Dionísio Sganzerla foi o cérebro do programa de títulos patrimoniais. É preciso enfatizar que este programa foi o pioneiro, pois

foi baseado neste modelo desenvolvido pelo Sganzerla que outros times também começaram a copiar a idéia, inclusive a dupla Gre-Nal.

Meirelles Duarte (2012) ainda traz algumas informações de que este modelo de captação de recursos foi utilizado em outras áreas:

O gênio disso tudo foi o Sganzerla, depois ele foi para Portugal, onde lançou uma ação semelhante para construção de um hospital e de um cemitério, visto que lá a estrutura existente era muito antiga e falta de locais para sepulturas era um grande problema (MEIRELLES DUARTE, 2012).

O plano consistia em um pagamento mensal, que não era um valor alto, mas que permitia concorrer semanalmente a automóveis, geladeiras, motos, entre outros prêmios valiosos. Isso acabou se disseminando, e o Ypiranga chegou a ter 50 mil sócios, inclusive no exterior. A grande maioria dos sócios talvez nem fossem de torcedores do Ypiranga, mas as pessoas compravam os títulos para concorrer aos prêmios.

O jornal J Albet conta como aconteceu a viabilização financeira do projeto, através de entrevista com Danton Hartmann, um dos idealizadores do projeto:

Os títulos

A construção do estádio não seria possível só com a determinação dos ypiranguistas. Foi necessária a participação de Dionísio Sganzerla – que tinha a fórmula de arrecadar fundos com a venda de títulos com direito a sorteio de prêmios.

Dionísio Sganzerla constituiu uma empresa. Acertou-se com o Ypiranga e foi lançado o primeiro plano de títulos. “Para comprar a área de aproximadamente 40 mil metros quadrados – 100 sócios legionários pagaram à vista os seus títulos”, relembra Danton.

Os títulos eram comercializados para pagamento em 30 meses. No começo o clube arrecadou rapidamente R\$ 3 mil para dar entrada na área.

Foram vendidos em pouco tempo mais de 10 mil títulos. Nos três Estados do sul especialmente. Dizem que até o ex-presidente do Paraguai, Alfredo Stroessner seria proprietário de um título do Ypiranga, o que bem dá uma dimensão do alcance do plano. (JORNAL J ALBET – Rumos 6 de setembro de 2000).

A seguir uma reprodução de um título patrimonial vendido pelo Ypiranga em 1963:



Figura 10: Título de sócio patrimonial do Estádio Olímpico

Fonte: Arquivo Diário da Manhã

Pungan (2012) lembra que o Ypiranga buscou ter credibilidade desde o começo do plano e, para o primeiro sorteio, foi feita a proposta de que se saísse um número que não havia sido vendido, o número mais próximo levaria o Fusca. Mas o número sorteado havia sido vendido e o primeiro ganhador foi um rapaz de Getúlio Vargas. Isto trouxe credibilidade para o Ypiranga, pois as pessoas começaram a ver que os prêmios realmente estavam sendo entregues. Foram quase seis anos vendendo títulos e o Ypiranga conseguiu construir seu estádio.

Para Meirelles Duarte (2012), o diferencial do Ypiranga foi o pioneirismo. Como não havia outros planos nestes moldes, um número muito grande de pessoas acabou abraçando o modelo de títulos. Tanto que logo outros clubes começaram a copiar, mas como o Governo Federal os proibiu, os outros clubes não tiveram tempo para concluir os estádios:

Imediatamente os clubes se avivaram e o 14 de Julho trouxe o modelo para Passo Fundo, fez um grande lançamento, o Gaúcho também fez um lançamento. Alguns casos não eram para a construção de novos estádios, mas sim para ampliação do estádio já existente e ou para a manutenção do futebol. Na metade do caminho infelizmente o Governo meteu a mão. Alegou que aquele modelo de captação de dinheiro era ilegal, porém Erechim já estava com todo o dinheiro assegurado. Pois o plano do Ypiranga abrangia uma área muito grande. Vinham os vendedores com as cartelas e os títulos e as pessoas compravam pois o prêmio de um automóvel por semana era muito bom, pois o preço da cartela era quase irrisório. Com isso o Ypiranga conseguiu concluir o estádio e outros clubes como o Gaúcho e o 14 de Julho utilizaram parte do sorteio, precisaram interromper na metade, mas não passaram de um pequeno melhoramento. Na época a direção dizia que iria colocar a cidade inteira dentro do estádio. (MEIRELLES DUARTE, entrevista feita em agosto de 2012).

O Jornal J Albet ressalta que o meio de captação de recursos mostrou-se um sucesso, mas que acabou sendo considerada ilegal pelo governo:

Pois o plano de títulos colocado em prática por Dionísio Sganzerla ganhou o sul do país e o próprio Brasil. Vários clubes copiaram a ideia e daí surgiu uma verdadeira “febre” de novos estádios. A mesma empresa assumiu um plano semelhante com o Juventude de Caxias do Sul. Daí – surgiu o belo estádio Alfredo Jaconi. O plano de títulos lançado em 1963, porém, chegou ao fim quando o governo da revolução lançou um decreto proibindo este modelo em 1969 – o que significou o começo do fim desta alternativa. (Jornal J Albet – Rumos 6 de setembro de 2000).

Apesar de ser uma boa maneira de atrair recursos para o acúmulo de patrimônio, a proibição, no final da década de 1960 por parte do Governo Federal para venda de títulos, alegando a ilegalidade da captação de recursos, trouxe impactos profundos no clube. O projeto do grande estádio ficou incompleto e a intenção do Ypiranga de fazer um hotel no centro de Erechim, no terreno localizado na Rua Alemanha, foi abandonado.

Todo o dinheiro para a construção veio da venda desses títulos. Não houve dinheiro público. Para Francisco Basso Dias (2012), havia entre os

erechinenses um espírito empreendedor de procurar fazer as coisas em primeiro lugar:

Podemos citar outro exemplo, desta vez na área da comunicação: A primeira estação de televisão (não repetidora) foi em Erechim, e provavelmente foi daí que surgiu a idéia do senhor Maurício Sirotski de formar uma rede regional de televisão. Ele adquiriu a emissora de Erechim e expandiu para Passo Fundo, Caxias, Santa Maria, Pelotas, Rio Grande entre outras. Mas podemos citar exemplos em outras áreas, como a na área industrial, ou mesmo na área financeira. (BASSO DIAS, 2012).

Desta forma foi possível comprar o terreno onde o estádio se encontra. O local tinha um grande desnível e as pessoas que passavam pelo local não acreditavam que seria possível construir um estádio. Na época o estádio do Ypiranga era considerado, reservado as proporções, o maior estádio do mundo de propriedades de clube, considerando o número de habitantes proporcional a capacidade de estádio. A população da cidade cabia inteira dentro do estádio, ou seja, ele foi projetado para o futuro. Pode-se observar que mesmo passados mais de 40 anos da inauguração, para lotar o estádio é necessário trazer jogos da dupla Gre-Nal.

Pungan (2012) traz algumas informações importantes com relação aos nomes dos estádios do Ypiranga:

Com relação ao nome dos estádios, aquele localizado na rua Bento Gonçalves tinha o nome de Estádio da Montanha e o da av. Sete de Setembro é Colosso da Lagoa. Algumas pessoas que gostam de misturar política com futebol, pensando que vinha algum dinheiro do Governo, colocaram nomes, que eu considero fictício de estádio Presidente Vargas no da Montanha e de Presidente Médici no Colosso da Lagoa, é possível que tenham alguns documentos com estes nomes, mas para dar nome a um estádio precisa passar por um conselho deliberativo e aprovar. Isto de fato nunca aconteceu. Mesmo que em alguns documentos possam haver registros de nomes de presidentes nos estádios, hoje, oficialmente para o Ypiranga, o clube teve dois estádios o “Estádio da Montanha” e o “Colosso da Lagoa”, pois não temos atas que comprovem que o “clube” Ypiranga tenha homenageado presidentes, isto eram iniciativas de uma ou duas pessoas (PUNGAN, 2012).

Verifica-se que a escolha do nome do novo estádio, uma homenagem ao Presidente Médici, não era unanimidade entre os sócios. Conforme Pungan (2012), nunca houve uma reunião oficial da diretoria neste sentido. E o nome

Colosso da Lagoa ainda é, oficialmente, o único legitimamente aceito pelos torcedores do clube.

A história do Ypiranga pode ser dividida em duas etapas. Uma antes da construção do Colosso da Lagoa e outra posterior. No estádio da Montanha o Ypiranga conquistou sete títulos municipais, um título estadual de amador e um da Segunda Divisão. Jogando no Colosso da Lagoa, durante a década de 1970, a torcida amargou um longo período sem títulos e uma pequena pausa de investimentos no departamento de futebol. Mas a década de 1980 foi iniciada com um novo plano de trabalho que buscou a reativação do futebol no clube.

Em 1989 o Ypiranga conquista novamente o título da Segunda Divisão e novamente figurou entre os maiores clubes do Rio Grande do Sul. No ano de 1992 foi vice-campeão da Copa da FGF, em 2006 foi campeão do Torneio Internacional de São Gabriel; em 2008 foi pela terceira vez campeão da Segunda Divisão. Em 2009 foi Campeão do Interior jogando na Primeira Divisão do Campeonato Gaúcho de futebol e vice-campeão da Copa da FGF.

3.2 – A construção do Colosso da Lagoa

Corria o ano de 1963, e os sócios do clube falavam em construir um estádio, pois não era mais possível assistir futebol no “campinho” existente. Reuniões e assembléias foram realizadas e a ideia inicialmente foi tratada com descrédito. Porém, com a aceitação da captação de recursos através da venda de títulos patrimoniais pensada por Dionísio Sganzerla, e a afirmativa do presidente Oscar Albal, teve início a concretização do ousado projeto.

Depois, com o plano mais ou menos estruturado, condicionando-o a uma administração eficiente e dinâmica, admitiram a sua viabilidade, e talvez o seu sucesso. Reuniões e mais reuniões. Mas quem iria assumir as responsabilidades, dirigir tudo, garantir que os planos não fracassariam? A fórmula encontrada foi a criação de um órgão específico para a empreitada: a Comissão Central Pró Construção do Estádio Olímpico.

Fizeram parte da Comissão Central os senhores Gladistone Osório Marsico, Danton Hartmann, Moacir de Souza, Pedro Brocman e Ricieri Miola.

.A Comissão Central recebeu carta branca dos sócios do clube, com independência de decisões e atos no que considerasse pertinente a concretização da empreitada, e com todos os poderes recebidos revogáveis somente ao final da grande obra. A primeira medida da Comissão Central foi criar uma comissão de finanças composta por cinco membros: Hermes Campagnolo, Hary Kleinubing, Hermes Schenatto, Elésio Passuelo e Silvino de Marchi, que teria a incumbência de servir como assessora financeira do órgão. O resultado foi que no dia 18 de agosto de 1963 foi lançada a pedra fundamental do Estádio Olímpico do Ypiranga Futebol Clube. O primeiro plano de títulos era lançado concomitantemente

Na sequencia um registro fotográfico da Comissão Central e da Comissão de Finanças em reunião com o presidente do Ypiranga, senhor Oscar Abal, discutindo o andamento do processo de construção, durante a década de 1960.



Figura 11: Reunião da direção responsável pela construção do Colosso da Lagoa

Fonte: Acervo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

Pungan (2012) afirma que o Ypiranga buscou inovar em todos os sentidos no processo da construção, principalmente na iluminação. Outra grande inovação foi o modelo de drenagem no gramado. Foi necessário fechar

um pouco da drenagem pois estava secando demais o campo. Os vestiários traziam uma série de conforto, contando com banheira para hidromassagem.

O jornal Diário da Manhã de 2 de setembro de 2010, enfatiza o investimento feito na iluminação do estádio, que na época da inauguração, indiscutivelmente era uma das melhores do Brasil. Segundo o veículo de comunicação tratava-se de um novo sistema de iluminação de estádios de futebol criado pela Phillips, sendo composto por lâmpadas halógenas de mercúrio cristalizadas tendo por base quatro torres de cimento, medindo 40 metros de altura e dispostas em forma de X. O sistema de iluminação era um marco para os padrões da época, completamente diferente das costumeiras vistas por todo o país. Seu custo total foi de 162 mil cruzeiros novos, sendo inclusive o Estádio Olímpico do Ypiranga FC, o segundo do mundo a ser dotado com tal sistema de iluminação - o primeiro foi o Estádio Olímpico da cidade de Frankfurt, na antiga Alemanha Ocidental. Consta no relato que a empresa Phillips contratou a firma gaúcha Bojunga Dias Ltda. Especialmente para fabricar as torres de concreto.

Em uma foto aérea, tirada no dia 2 de setembro de 1970, durante o Festival de Inauguração é possível observar em destaque o sistema de refletores do novo estádio.



Figura 12: Vista aérea do Colosso da Lagoa em setembro de 1970

Fonte: Acervo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

No início das obras do novo estádio, em 1964, a imprensa fez uma ampla cobertura. A Rádio Erechim, através do radialista Euclides Tramontina, esteve presente e a reprodução do áudio mostra que o sonho do estádio era ainda mais ambicioso do que o resultado final. A expectativa era que o estádio ficasse pronto em tempo recorde.

Ao som de um motor da máquina trabalhando no terreno o locutor Euclides Tramontina (1964) falou:

Portanto, iniciados os trabalhos da terraplanagem para a construção do Estádio Olímpico do Ypiranga FC. A máquina neste momento rasga o solo do terreno do Ypiranga FC. Dando início assim aos trabalhos de construção do Estádio Olímpico que deverá estar concluído em um prazo de seis a dez meses segundo declarações prestadas a nossa reportagem pelos técnicos construtores deste majestoso estádio. (TRAMONTINA 1964)

O jornal Diário da Manhã enfatiza que este foi o momento de maior sucesso do clube de Erechim:

Sem dúvida que momento mais importante e grandioso na história do Ypiranga Futebol Clube, foi a construção do Estádio Olímpico, carinhosamente chamado de Colosso da Lagoa, termo que se deve a um pequeno banhado que existia no local onde é hoje o estádio. Para a construção do Colosso, iniciado meados da década de 60 e inaugurado em setembro de 1970, foram milhares de horas de trabalho, milhares de quilos de ferro, concreto e muito suor dos rostos dos homens que ali dedicaram seu tempo. Foi para a época uma obra de repercussão não só para o Brasil, como, também, em toda América Latina, pois era o Colosso da Lagoa, fora os estádios das capitais, um dos maiores e mais belos.

A construção do estádio Olímpico, sob o comando do presidente Oscar Abal, e tendo como mentores principais Hermes Campagnolo e Gladstone Osório Marsico, envolveu toda a comunidade. Existia na época duas comissões de construção, a Central e de Finanças. A base financeira para construção do estádio se deu através de venda de títulos. Assim, no dia 22 de julho de 1964, às 14 horas, a potente Caterpillar alugada da Prefeitura de Erechim iniciava os trabalhos de terraplenagem do terreno.

Em setembro de 1970 chegava ao fim aquele árduo trabalho de construção. Estava erguido o gigante de concreto armado no final da Av. Sete de Setembro. As festividades de inauguração foram imensamente prejudicadas por um período de muita chuva que caiu na região, mesmo assim, estiveram presentes grandes astros que haviam conquistado o título de campeões mundiais pelo Brasil no México dois meses antes. (DIÁRIO DA MANHÃ, 2 de setembro de 2010)

Mesmo com a venda de títulos proibida pelo governo militar, Danton, ex-dirigente do clube, destacou que a cidade conquistou o objetivo de construir um cartão postal:

Construído em três etapas, a primeira pela construtora Von Muhien, a segunda pela Construtora Pagnocelli e a terceira pela Construtora Gaúcha, o estádio foi concluído conforme o projeto dos arquitetos Celso e José Carlos Mafessoni – mas... mas faltou dinheiro, o plano de títulos fora proibido pelo governo e o que estava para ser construído atrás do estádio, como outros benfeitorias para associados não puderam ser encetadas.

Sim, sim, é a pura verdade o que diz Danton Hartmann: “O Colosso da Lagoa é o maior cartão postal que Erechim jamais teve”.

No festival de inauguração do estádio, um jornal de São Paulo teria publicado em página inteira jornal tamanho standart – tipo Correio do Povo antigo uma foto do Colosso da Lagoa.

Conta ainda Danton Hartmann: “Na Copa do Mundo da Alemanha o ponteiro direito do Valdomiro (Inter) ao dar uma entrevista disse que o estádio onde a seleção jogaria “Estádio da Floresta”, lhe lembrava o Colosso da Lagoa de Erechim...”. (JORNAL J ALBET – Rumos 6 de setembro de 2000).

Os associados do Ypiranga optaram em homenagear um dos idealizadores do projeto, Hermes Campagnolo, que fazia parte da Comissão

Central, como patrono do estádio. Vinte anos depois da inauguração, ele concedeu uma entrevista ao jornal Diário da Manhã falando do projeto:

“DM – O senhor foi um dos responsáveis pela construção do Colosso da Lagoa?

Campagnolo – Na ocasião era presidente o Sr. Oscar Abal. Foram nomeadas duas comissões para construção do estádio. Central: Gladstone Osório Marsico, Danton Hartmann, Moacir de Souza, Pedro Brocman e Ricieri Miola. Finanças: Hermes Campagnolo, Hary Kleinubing, Hermes Schenatto, Elésio Passuelo e Silvino de Marchi. Cabia a essas comissões realizar os contratos para venda dos Títulos Patrimoniais. Esses títulos patrimoniais eram feitos por “Sorio e Esganzela”. O Ypiranga recebia a comissão de 25% dos títulos.

DM – Com isso o Ypiranga arrecadou dinheiro suficiente para construção do estádio?

Campagnolo – De acordo com o que íamos recebendo cabia a mim a fiscalização. Isso era depositado em banco de acordo com os resultados íamos fazendo a aplicação.

DM – Quanto tempo durou a construção do estádio?

Campagnolo – Desde a terraplenagem foi feito tudo às custas do Ypiranga, nem o Estado, nem o Município, unicamente do nosso trabalho. Começamos em 1964 e inauguramos em 1970. Entregamos o estádio ao presidente Oscar Abal, pronto, completo, sem nenhum tostão de dívida. Naquela época o estádio custou um milhão e quarenta mil cruzeiros.

DM - E a emoção? Para quem tanto trabalhou e viu construído um dos mais modernos estádios construídos na época?

Campagnolo – Não tem dúvida, a emoção foi muito grande. Só que infelizmente, como disse, existiam duas comissões e mais a presidência. As comissões não estavam de acordo com a inauguração como foi feita, queríamos que fosse parcelado, mas foi feito uma inauguração trazendo todos os campeões brasileiros da Copa de 70. O primeiro jogo foi contra o Santos, onde Pelé fez o gol número 1040, por sinal, o único jogo que foi com tempo bom. Os demais foram feitos com chuva.

DM – Daí o Ypiranga tomou prejuízo?

Campagnolo – Não tem dúvida. O prejuízo foi grande. Era impossível com tanta chuva naquele mês de setembro. As rendas foram relativamente pequenas e foi o que aconteceu, o prejuízo foi relativamente grande”.(DIÁRIO DA MANHÃ, 15/08/1991).

Necessário enfatizar que em 1970, ano de inauguração do Colosso da Lagoa, o Brasil vive o auge da prática futebolística, com a conquista do tricampeonato mundial e o reconhecimento internacional da qualidade brasileira no esporte. A conquista do mundial no México trouxe uma grande comoção nacional e o Ypiranga “pegou carona” nesta conquista e realizou uma grande ação de marketing com o “Festival de Inauguração”. Para entender um pouco do clima que contagiava o Brasil durante este período é necessário um capítulo próprio. E é o que será tratado a seguir no capítulo 4.

Por enquanto, sublinha-se que a ambição dos times de futebol locais era sempre ter o melhor time e superar os adversários no campo. A grande novidade trazida pelo Ypiranga foi de ir além das quatro linhas. A ambição dos dirigentes da época foi de alçar o clube erechinense ao nível das grandes agremiações nacionais e a construção de um moderno e pomposo estádio representaria o passo inicial em direção ao alto degrau do futebol brasileiro. Pois a novíssima estrutura possibilitaria trazer times de reconhecida expressão do país e do exterior. Por exemplo, times como Grêmio e Internacional vinham para Erechim eventualmente para fazer amistosos, e raramente partidas oficiais, mas nos “estadiozinhos” do interior do estado, com capacidade para quatro ou cinco mil pessoas, e com tímidas e precárias instalações era inviável. Daí a proposta dominante de que um grande estádio pudesse de alguma forma trazer grandes times de futebol e levar mais gente ao campo. E nesta correlação entre paixão e economia, aumentar a arrecadação do clube e transformar o acanhado time do Ypiranga em uma referência do esporte. Mas para isto, primeiro era necessário apontar os holofotes para o novo estádio e para a cidade de Erechim, e por conseqüência, via reflexiva, para o time do Ypiranga.

4. O ESTÁDIO COLOSSO DA LAGOA E O FESTIVAL DE INAUGURAÇÃO

Após a construção do Colosso da Lagoa, uma grande festa é programada para a inauguração. Este capítulo traz informações e levanta questionamentos sobre qual era o contexto histórico e social que o “Festival de Inauguração” do Estádio Colosso da Lagoa estava inserido.

O estádio, que originalmente tinha o nome de Estádio Olímpico Presidente Médici, apesar de não haver registros da oficialização deste nome, teve na sua inauguração o craques brasileiros campeões mundiais da Copa do Mundo de 1970. Estes atletas foram amplamente utilizados como garotos-propaganda do governo militar da época.

O capítulo traz ainda informações sobre a grande mobilização que aconteceu durante a Copa do Mundo, bem como a repercussão que a inauguração do estádio teve na imprensa brasileira.

4.1 – A Copa do Mundo de 1970 e o ufanismo no futebol

O Governo brasileiro mostrou competência no uso político da Seleção Canarinho durante a Copa do Mundo do México de 1970³. Durante o evento o então presidente militar General Emilio Garrastazu Médici conseguiu associar a imagem do governo com o povo, tendo como elo o futebol. Guedes (1998, p. 54) busca no antropólogo Roberto Da Matta a importância que o futebol, ou a seleção brasileira tem para o povo. Segundo a análise, foi através do futebol que o brasileiro finalmente se viu representado através dos símbolos do Estado

³ Interessante anotar que o uso político do futebol no Brasil não teve início na década de 1970. Anteriormente outros governos já haviam utilizado o futebol como mecanismo de prestígio ou propaganda política. Galeano (2004, p. 49) lembra que, logo nas primeiras décadas do século XX, antes mesmo de acontecer o processo de profissionalização do futebol, o governo brasileiro já havia percebido a utilidade deste esporte como uma vitrine para a nação. Segundo o autor. Corria o ano de 1921 e a Copa América seria disputada na cidade argentina de Buenos Aires. O então presidente Epitácio Pessoa baixou o que ficou conhecido como o “decreto de brancura” e ordenou que não se enviasse jogador de pele morena. A justificativa foi buscada no pilar do “prestígio pátrio”.

Nacional como a bandeira, o hino e as cores verde e amarela. Os valores desses elementos antes do futebol eram propriedade de uma elite restrita e dos militares.

Na busca por associar sua imagem e a de seu governo à seleção de futebol, o presidente encontrou um obstáculo muito complexo durante os jogos que precederam a viagem para o México. O jornalista João Saldanha foi escolhido pela Confederação Brasileira de Desporto como técnico da seleção. Impôs uma metodologia de trabalho onde ele era o centro das atenções. Seu perfil “folclórico” causava um descompasso ideológico e de imagem com o governo militar da época. Saldanha foi descrito desta maneira:

Comunista exaltado e boêmio de praia, imaginoso e encenqueiro, que garantia ter participado da Grande Marcha de Mao Tsé-Tung e desembarcado com as tropas de Montgomery na Normandia, Saldanha dirigiu com uma independência indomável a seleção brasileira em plena ditadura Garrastazu Médici, por um ano, dando-lhe o toque decisivo para que ela viesse a ser o que foi. O que parece ser uma proeza menor do que as duas anteriores e nunca confirmadas, a da China e a da Normandia. (WISNIK, 2008, p. 280)

O então técnico Saldanha tinha sua imagem associada com as ideias de esquerda e com hábitos de vida nada compatíveis com a austeridade moral propagada pelo regime militar. Era perigoso que a figura central, o cérebro da maior conquista do nosso futebol fosse um comunista, boêmio inveterado, desordeiro, folclórico e principalmente uma personalidade indomável. A juventude e a família brasileira não poderiam ter por espelho a antítese da tábua moral e ideológica que o regime militar queria propagar. Seria necessário agregar ao time de 1970 uma figura condizente com o novo padrão moral estabelecido: um sujeito de família, de reputação ilibada, servil e indiscutivelmente um patriota.

A solução veio antes do embarque para o México. Saldanha foi demitido e em seu lugar entrou Mário Jorge Lobo Zagallo, que já havia participado das duas conquistas anteriores da Copa do Mundo como jogador. Com a mudança de técnico surge também uma mudança de filosofia. Wisnik (2008), enfatiza que o processo de mudança contou também com a chegada de Cláudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira, que dariam suporte ao novo técnico naquilo que realmente interessava em termos de resultado: preparação física e estudo tático. A intenção foi pensar o futebol do ponto de vista da organização tática e

de sua impositação tecnocrática. O mesmo autor enfatiza que este é o marco inaugural no campo dialógico do futebol brasileiro e o princípio de otimização do rendimento.

Guterman (2006) não estabelece uma relação direta entre a queda do técnico Saldanha e o presidente Médici. Uma série de fatores, principalmente os relacionados a desentendimentos pessoais teria motivado a troca de treinador. Porém, cabe ressaltar que mesmo sem ter uma participação direta na saída de Saldanha, Médici foi beneficiado, principalmente considerando as características disciplinadoras dos novos profissionais que assumiram os cargos dentro da Comissão Técnica.

Médici também foi beneficiado por outro fator além da troca do técnico: a ampla exposição midiática da Copa de 1970. Guterman (2006) lembra que, pela primeira vez, uma Copa do Mundo foi transmitida ao vivo para o território nacional. A implantação da novidade tecnológica cumpre papel fundamental se for considerada a idéia de Wisnik (2008, p. 52), quando explica que enquanto psicologia de massas, o futebol se inclui, em princípio, entre aquelas formações de hipnose compartilhada em que o sujeito se identifica cegamente, ao lado de outros que compartilham a sua identificação, com um objeto no qual reconhece um ideal de “eu”. A população se reconhecia na seleção brasileira, pois ali não haviam mais colorados ou gremistas, palmeirenses ou corintianos, vascaínos ou flamenguistas, todos se identificavam como torcedores de uma mesma equipe.

Guterman (2006) defende a idéia que a transmissão de TV reforçou o caráter nacional do país em construção pelo regime: dezesseis estados receberam as imagens da Copa, contribuindo para a sensação de unidade que a ditadura pretendia. Um torcedor em São Paulo testemunhava o mesmo fato, no mesmo instante, que um torcedor no Rio Grande do Norte.

Burke (2006) ao fazer uma análise dos meios de comunicação, destacando os contextos sociais e culturais em que eles emergem e se desenvolvem, enfatiza que o surgimento de uma nova tecnologia sempre é acompanhado de muitas novidades sociais. Isso acontece pelo fato de que as inovações tecnológicas são capazes de provocar reviravoltas na estrutura das sociedades e nos costumes de diferentes culturas. Médici encontrou aqui uma grande oportunidade de se popularizar, algo que buscava desde que assumiu o

cargo. A idéia fica clara em seu discurso de posse, no dia 27 de outubro de 1969: “Espero que cada brasileiro faça justiça aos meus sinceros propósitos de servi-los e confesso lealmente que gostaria que meu governo viesse, afinal, a receber o prêmio de popularidade” (Burke, 2006).

Guterman (2006) relata atos de Médici durante as partidas da Copa. Ele buscava associar a sua imagem a de um torcedor comum, um fã do futebol, com um apelo autêntico. Buscava dar palpites para reforçar a idéia de que realmente entendia do esporte e, quando acertava o placar das partidas, gabava-se do feito. O presidente gostava de comentar sobre futebol nos bastidores, incluindo quando tinha contato com jornalistas. Fazia questão de ligar para a Comissão Técnica da seleção após algumas boas atuações e dirigia-se pessoalmente aos atletas, perguntando sobre o estado de saúde no caso dos contundidos. Fazia questão de falar publicamente sobre futebol enquanto recebia a visita de representantes de outros países. Reuniões em horários conflitantes com os jogos da seleção eram abertamente remarcadas para que pudesse acompanhar as partidas. De alguma maneira, essas informações eram veiculadas em meios de comunicação, não diretamente pelos assessores do presidente, mas por aqueles que tinham algum contato ou presenciaram essas atitudes. No dia da conquista do tricampeonato, Médici foi fotografado com uma bandeira do Brasil, não em um gesto cerimonial, mas em uma atitude de quem estava visivelmente comemorando.

Em reportagem sobre a comemoração do tricampeonato, o jornal A Folha de São Paulo descreveu a cena:

Ao término da partida, o presidente mandou que os torcedores que se encontravam na praça fronteira entrassem para o Palácio e saiu para o meio do povo, enrolado em uma bandeira brasileira. Os torcedores o carregaram. Quando o puseram no solo, o presidente pegou uma bola dos netos e começou a mostrar sua habilidade no esporte em que o Brasil é campeão mundial. Fez embaixadinhas e chegou a dar umas de calcanhar, sendo estimulados pelos fãs, que diziam ‘se do Zagallo soubesse, hein, presidente (GUTERMAN, 2006, p. 62).

Associado à suas atitudes, Médici era beneficiado pelo contexto em que o Brasil vivia naquele momento. Guterman (2006) traz um relato daquele que décadas depois se tornaria presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva, em que comenta que Médici tinha uma grande simpatia entre os trabalhadores, e

que se houvessem eleições certamente o ditador seria o vencedor. A justificativa é o bom nível de emprego e renda da população naquele período.

Fraga (2009), traz o título da Copa de 1970 sob outro ponto de vista, que possivelmente esteve presente no imaginário coletivo do torcedor brasileiro. Ele considera o sentimento da “vingança”.

No ano de 1950 o futebol brasileiro enfrentou um de seus maiores traumas. Trata-se da derrota na final diante do Uruguai, na partida jogada na cidade do Rio de Janeiro. A derrota ficou conhecida como “Maracanazo”, visto o clima que havia sido criado para a partida jogada no Maracanã, o maior estádio do mundo em 1950. Fraga (2009) argumenta que a idéia de vingança aplicada ao futebol possivelmente é um dos elementos mais reveladores acerca de seu caráter de “guerra simbólica”. A cada encontro entre dois rivais, neste caso o Brasil e o Uruguai, os torcedores e os meios de comunicação se encarregaram de lembrar partidas anteriores, lances específicos ou vitórias significativas, onde um dos dois lados sobrepujou seu adversário, impondo-lhe um revés que ficaria marcado na história dessa rivalidade.

Vinte anos depois, ainda com o trauma de 1950 vivo na memória do torcedor, as duas seleções voltam a se encontrar em uma partida válida pela Copa do Mundo. Desta vez em situações diferentes. O Brasil, que em 1950 ainda não havia conquistado títulos de Copas do Mundo, chegou ao México com o gabarito de ter erguido o troféu por duas vezes, uma em 1958 e outra em 1962. O Uruguai, por sua vez não havia emplacado boas campanhas, e seus títulos haviam sido conquistados em 1930 e 1950.

A Copa do Mundo de 1970 colocou frente a frente os dois rivais, bicampeões mundiais, mas desta vez em uma partida válida pela semifinal da competição. O vitorioso se credenciaria a disputar o título diante de outra bicampeã, a Itália. As três seleções buscavam o tri-campeonato e aquela que conquistasse a inédita façanha ficaria definitivamente com a Taça Jules Rimet. Em uma partida lembrada até hoje pelas belas jogadas de Pelé, o Brasil eliminou o Uruguai.

Os “heróis brasileiros” de 1970 superaram a Itália na final e conquista definitivamente a Jules Rimet. Além de comemorar o título, o Brasil vingou-se, vinte anos depois, de um dos principais traumas do futebol nacional, exaltando ainda mais a conquista.

4.2 – A conquista se reflete em Erechim

O clima de nacionalismo também se refletiu em pequenas cidades. Os veículos de comunicação de circulação local exaltavam o feito dos atletas brasileiros com orgulho. A matéria publicada no jornal Voz da Serra do dia 30 de julho de 1970, com circulação em Erechim e região, trouxe uma reportagem de página inteira exaltando o feito dos atletas brasileiros. A mesma matéria “orienta” os leitores para que fiquem atentos e denunciem opositores da Ditadura Militar:

Copa, Nacionalismo e Subversão

O 21 de Junho de 1970 ficará, para sempre, gravado não só na história do esporte brasileiro, mas na própria história de nossa Pátria, pois foi o dia em que, após quarenta anos de pelejas futebolísticas, vimos o pavilhão auriverde tremular no mastro da vitória, pela conquista do Tri-campeonato Mundial e a Copa Jules Rimet vir definitivamente para o Brasil.

Os nossos patrícios, do norte ao sul, do este ao oeste, vibraram por tal proeza expandindo-se na mais alta expressão de seu vibrante entusiasmo pelo acontecimento que só espíritos embebedados de um sadio nacionalismo, num clima de ordem, de disciplina e de humildade, como tantas vezes foi ressaltado, puderam levar a bom termo. Neste dia memorável, o próprio Presidente da República, irmanando-se com todo o povo que exultava de alegria pelo feito da nossa Seleção, sem casaco, como estava, com as mangas da camisa arregaçadas, veio para a parte externa do Palácio da Alvorada, a fim de confraternizar com seu povo nas comemorações da façanha de nossos craques.

No dia 23, terça-feira última, 95 milhões de brasileiros estavam ouvindo as palavras dos locutores das rádios emissoras ou com os olhos fitos na imagem dos aparelhos de televisão, acompanhando as homenagens tributadas aos destemidos lutadores, que souberam superar todas as dificuldades para elevar mais alto o nome e o conceito do nosso querido Brasil.

Apoteótica foi a recepção na Guanabara. Nunca tal multidão lançara-se às ruas da cidade como a que, com tanto carinho, acolheu os nossos jogadores.

Diante dessa demonstração, podemos dizer, da unidade dos brasileiros, da união de vistas entre o Governo e o Povo, pelo reconhecimento das grandes realizações que estão sendo levadas avantes, em todos os setores da vida nacional, é lamentável que uma pequena, mas atuante minoria procure tumultuar a vida do país. É lamentável que, poucos, é certo, mas atuantes, como dissemos, profissionais liberais aproveitem-se de sua situação para praticar e difundir idéias nocivas ao Brasil; é lamentável que outros cheguem ao latrocínio, para conseguir dinheiro para subversão, ensejando a que ladrões profissionais aproveitem-se da oportunidade; é profundamente lamentável que professores usem as suas cátedras para sub-repticiamente, de uma maneira insidiosa, inocular a nossa mocidade com o vírus da indisciplina, da desordem e de uma consciência apátrida.

Com relação a esses fatos e para que os bons brasileiros possam estar de sobreaviso, transcrevemos a seguir um volante, largamente distribuído em Porto Alegre:

- DECÁLOGO DA SEGURANÇA –

1 – Os terroristas jogam com o medo e o pânico. Somente um povo prevenido e valente poderá combatê-los. Ao ver um assalto ou alguém em atitude suspeita, não fique indiferente não finja que não viu, não seja conivente. Avise logo a polícia ou o quartel mais próximo. As autoridades lhe dão todas as garantias, inclusive de anonimato.

2 – Antes de formar uma opinião, verifique várias vezes se ela é realmente a sua, ou não passa de influência de “amigos” que o envolveram. Não estará você sendo inocente útil numa guerra que visa destruir você, sua família e tudo o que você ama nesta vida?

3 – Aprenda a ler jornais, ouvir rádios e assistir televisão com certa malícia. Aprenda captar mensagens indiretas e intenções ocultas em tudo o que você vê e ouve. Você vai se divertir muito com o jogo daqueles que pensam que são mais inteligentes do que você e estão tentando fazer você de bobo com um simples jogo de palavras.

4 – Se você for convidado ou sondado, ou conversando sobre assuntos que lhe pareçam estranhos ou suspeitos, finja que concorda e cultiva relações com a pessoa que assim o sondou e avise a Polícia ou o quartel mais próximo. As autoridades lhe dão todas as garantias inclusive de anonimato.

5 – Aprenda a observar e guardar de memória alguns detalhes marcantes das pessoas, viaturas e objetos na rua, nos bares, nos cinemas, teatros e auditórios, nos ônibus, nos edifícios comerciais, nas estações ferroviárias, nos trens, nos aeroportos, nas estradas, nos lugares de mais movimento ou aglomeração de gente.

6 – Não receba estranhos em sua casa – mesmo que sejam da polícia sem antes pedir-lhes a identidade e observá-los até guardar de memória alguns detalhes; no. da identidade, repartição que expediu, roupa, aspecto pessoal, sinais especiais, etc. – O documento também pode ser falso.

7 – Nunca pare seu carro solicitando por estranhos, nem lhes dê “carona”. Ande sempre com as portas de seu carro trancadas por dentro. Quando deixar o seu carro em algum estacionamento ou posto de serviço, procure guardar alguns detalhes das pessoas que o cercam.

8 – quando notar a presença de estranhos em atitude suspeita, no seu quarteirão ou edifício, avise logo a polícia ou o quartel mais próximo.

9 – Procure desenvolver seu espírito comunitário. Participe ativamente das iniciativas do seu grupo social, de seu bairro ou da escola de seus filhos. Lembre-se que a união faz a força.

10 – A nossa união será a derrota do inimigo. Se soubermos nos manter compreensivos, cordiais, informados, confiantes e unidos, ninguém nos vencerá. (A VOZ DA SERRA – 30 de junho de 1970)

Na matéria publicada no veículo de comunicação local é possível observar que acontece uma fusão entre editorias (esporte e segurança pública), e o futebol serve como meio de mensagem para divulgação dos interesses do governo militar da época. É necessário enfatizar, porém, que os veículos de comunicação não trabalhavam isoladamente para mobilizar os brasileiros no clima positivo criado pela vitória brasileira.

A sociedade civil organizada também promovia atividades de mobilização popular. O jornal A Voz da Serra traz o resultado de uma promoção idealizada pelo Lions Clube em Erechim:

O Leão na Copa

Esteve reunida a Diretoria do Lions Clube Centro com a finalidade de apurar os vencedores do Concurso Leão na Copa. Nas seis rodadas foram os seguintes acertadores: Veri Luge, Marcelo Caleffi, Carlos Coradi, Ivo Barbieri Júnior. Adonis Dal Bosco e João B. Vial.

No cômputo geral, os 13 primeiros colocados, foram respectivamente: Ivo Barbieri Júnior, Pedro Roismann, Antônio C. Brusamarello, Marcelo Caleffi, Lair Lirio, José O. Grohs, dr. Clóvis Pagnocelli, Antônio Ferretto, Reinoldo Bertoldo, Luiz Frizzo, Pedro C. dos Sandos, Ivo Soccol e Lazaro Santin.

Os vencedores, nos dois grupos, poderão procurarem os prêmios a que fizeram jus, na Livraria Modêlo. (VOZ DA SERRA – julho de 1970)

O radialista Francisco Basso Dias (2012) entrevistou Pelé quando ele esteve em Erechim participando do Festival de Inauguração do Colosso da Lagoa. Na entrevista o atleta enfatiza que as pessoas tinham tanta admiração pelos atletas campeões em 1970 que acabavam causando certos constrangimentos entre os jogadores. Uma das curiosidades desta entrevista foi quando Pelé revelou algo que aconteceu no interior de São Paulo. Uma senhora procurou Pelé no hotel onde a equipe do Santos estava hospedada. Como de costume, os seguranças impediram que a senhora tivesse acesso ao ídolo do futebol brasileiro. Mas devido à insistência da senhora, Pelé aceitou conversar com ela. Ao estar frente a frente com o jogador de futebol ela tentou beijar seus pés. Pelé, constrangido, relutou em deixar que a senhora se ajoelhasse em sua frente para beijar seus pés. Então a senhora explicou ao atleta que havia feito uma promessa e havia conquistado a graça desejada e o pagamento desta promessa era beijar os pés de Pelé. “Você veja o constrangimento que eu passei, com uma senhora de idade querendo beijar meus pés. Resisti até onde pude, mas não teve outro jeito e deixei ela beijar meus pés”.

Com uma atmosfera positiva, a direção do Ypiranga fez a aposta de trazer estes ídolos para Erechim. Desta forma conseguiria atrair a atenção de todo o Brasil e colocar o Colosso da Lagoa, o Ypiranga e a cidade de Erechim em evidência nacional. Os detalhes do “Festival de Inauguração” do Colosso da Lagoa são tratados a seguir.

4.3 O Festival de Inauguração e a exploração da imagem vencedora

Para uma grande obra de concreto armado, a direção do Ypiranga optou por uma grande ação de marketing para sua inauguração. Basso Dias (2012) conta como foi desenvolvido o festival de Inauguração do Colosso da Lagoa:

Em 1970 o futebol causou uma grande comoção nacional em função da Copa do Mundo. O Ypiranga teve tanta sorte que o estádio ficou pronto logo após o tricampeonato do Brasil. Se formou uma comissão organizadora e o pessoal começou a trabalhar. Eles trouxeram o Santos, Cruzeiro, Independiente da Argentina, Botafogo, Internacional, Grêmio, entre outros times de expressão estadual.(BASSO DIAS 2012)

Para as festividades foram convidados os principais clubes do Brasil, que na época tinham como meio de viabilização financeira a realização de “excursões”. A festa ganhou notoriedade na imprensa de todo o Brasil, que analisava com entusiasmo e empatia a ação de marketing do clube do interior do Rio Grande do Sul. A Folha Esportiva de 12 de agosto de 1970 descrevia a participação do Santos F.C. no Festival de Inauguração:

Cem mil cruzeiros novos, cerca de 21 mil dólares. Esta a quota milionária que o Santos Futebol receberá para ser o paraninfo do Estádio do Ypiranga de Erechim a 6 de setembro. O clube santista, quando recebeu a proposta do Ypiranga quase não acreditou. Afinal... 21.000 dólares é quota que muitas seleções nacionais jamais receberam para jogar uma partida e o próprio Santos, quando consegue tal quota no exterior manda ordem para as pessoas de Vila Belmiro soltar Foguetes. Pois o Santos vai ganhar cem mil novos livres de qualquer despesa para jogar em Erechim, no grande festival que vai marcar a inauguração do Gigante da Lagoa (...). (FOLHA ESPORTIVA 12 de agosto de 1970).

O Festival de Inauguração também contou com a presença de figuras importantes da política estadual e nacional, como mostra o jornal A Voz da Serra:

Governador Domingo em Erechim

Aportou ontem em nossa cidade do Sr. Alderico Massignan Diretor do Banco do Estado do Rio Grande do Sul o qual representou s. exa. O Governador do Estado na inauguração dos refletores do Estádio Olímpico do Ypiranga.

Em palestra com nossa reportagem o sr. Alderico Massignan, salientou que s. exa. O cel. Walter Peracchi Barcelos estará em Erechim domingo, com a finalidade de prestigiar a solenidade de inauguração do Estádio Olímpico do Ypiranga.

O sr. Alderico Massignan salientou a reportagem o empenho do Governo do Estado para a vinda do s. exa. Presidente da Republica a Erechim, entretanto não houve modalidade de ser modificado o protocolo rígido da presidência. (A VOZ DA SERRA, 3 de setembro de 1970).

Durante o festival de inauguração, a cidade de Erechim foi sede da Federação Gaúcha de Futebol. O jornal A Voz da Serra de 3 de setembro de 1970 traz uma entrevista com o então presidente da FGF, Rubens Hofmeister, que enfatiza: “A Federação, pela primeira vez, realmente desloca sua sede da Capital para dirigir o futebol no interior do Estado”, salientado que “quis do destino que pela primeira vez em que a Federação se desloca para o Interior é exatamente aqui em Erechim, onde lançou-me candidato”.

A foto a seguir mostra que houve uma grande mobilização para realização do Festival de Inauguração. A imagem, bastante peculiar, retirada do jornal A Voz da Serra de setembro de 1970, mostra um anúncio publicitário que tinha como cliente a Brigada Militar. No espaço publicitário a instituição parabeniza o Ypiranga pelo grande evento que seria realizado nos dias seguintes.



Figura 13: Material publicitário da Brigada Militar parabenizando pela inauguração do Colosso da Lagoa

Fonte: A Voz da Serra, setembro de 1970

O custeio do festival de inauguração era oriundo de duas fontes. A primeira era da bilheteria dos jogos e a segunda era com a venda de placas de publicidade. O radialista Francisco Basso Dias era o responsável pela venda das placas para o comércio local, cuja renda era revertida para o clube. Mesmo com chuva o estádio estava sempre cheio, principalmente com as excursões vindas de diversas cidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

O jornal Diário da Manhã, de 2 de setembro de 2010, em uma edição comemorativa aos 40 anos do estádio, traz informações gerais sobre os detalhes da inauguração do estádio, dividida em alguns tópicos explicativos, onde se percebe que os próprios envolvidos na festa ainda se adaptavam ao novo estádio

O Festival de Inauguração: Santos F.C., Grêmio Porto Alegre, Botafogo de Futebol Regatas, Esporte Clube Internacional, Cruzeiro, Independente da Argentina, Ypiranga, Atlântico, Esportivo e Ta-Guá de Getúlio Vargas, foram as equipes que desfilaram com seus astros no gramado ainda irregular do Colosso da Lagoa no festival de inauguração. O primeiro jogo do Ypiranga foi no dia 6 de setembro de 1970 diante do Esportivo. A vitória foi do Canarinho pelo placar de 3 a 2. Nesta partida o Ypiranga utilizou a seguinte formação: Alcino, Oscar, Mujica, Plínio e Cláudio, Arli e Ariovaldo, Rui (Téio), Borjão, Cafuringa e Ademir Galo. Os problemas do pequeno time do Ypiranga com seu grande estádio começaram bem cedo. Um exemplo o comandante do ataque, Cafuringa, ele estava muito assustado com o tamanho do gramado e quando pegava na bola não sabia o que fazer com ela. O Ypiranga jogava somente pelo lado direito. A resposta era que por esse lado estavam seus melhores jogadores, como o lateral Cláudio e o ponteiro Ademir Galo, que eram ajudados por Borjão e Cafuringa. (DIÁRIO DA MANHÃ, 2 de setembro de 2010).

Borjão (2010), autor do primeiro gol de atleta gaúcho no Colosso da Lagoa pertencia ao Atlântico, mas foi negociado com o Ypiranga, juntamente com mais dois atletas. Antes da inauguração do Colosso da Lagoa lembrou que naquela época os atletas eram acostumados a jogar ao lado do alambrado, por isso, durante os treinamentos, todos os jogadores do Ypiranga se sentiam em um palco, prontos para realizarem uma grade apresentação, com a motivação que antecede a apresentação de um grade artista. O ex-atleta em entrevista para a TV Câmara de Erechim, em setembro de 2010, também conta que pessoas de outros países também assistiram aos jogos:

Subir o túnel foi uma emoção muito grande, com o povo gritando, isso foi muito importante. Poderia ter acontecido com qualquer jogador, mas foi comigo, eu fui o primeiro jogador gaúcho a marcar um gol no Colosso da Lagoa e foi na mesma goleira que o Pelé marcou o seu gol (BORJÃO, 2010).

Enquanto os jogadores locais viviam um clima de bastante ansiedade com o tamanho da festa organizada pela direção do Ypiranga, inclusive com a pressão da vitória por parte do clube de Erechim, os atletas dos grandes times se mostravam bastante descontraídos durante toda a estada em Erechim. Pelé recebeu autoridades e jornalistas locais para conversar e a delegação do Internacional andava pelo estádio em um clima de bastante descontração.

O registro fotográfico a seguir mostra parte da delegação colorada em uma postura visivelmente despreocupada.



Figura 14: Delegação do Internacional descontraída nos corredores do Colosso da Lagoa

Fonte: Acervo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

Até os pequenos detalhes eram saudados com grande carga de entusiasmo e superlativados. O primeiro gol oficial do estádio, por exemplo, aconteceu durante a partida inaugural entre o Santos F.C. e o Grêmio Futebol Porto-Alegrense, no dia 2 de setembro. A vitória foi do time paulista pelo placar de 2 a 0, com gols de Pelé e Léo. O primeiro gol do novo estádio foi o de

número 1040 de Pelé. No momento do gol houve uma solenidade comemorativa, inclusive com a paralisação da partida, promovida pela Rádio Tupi de São Paulo, cujo prefixo era 1040 (DIÁRIO DA MANHÃ de 2 de setembro de 2010).

Na foto a seguir, disponível no Arquivo Histórico Municipal de Erechim, aparece Pelé comemorando o seu gol diante do Grêmio de Porto Alegre durante o Festival de Inauguração:

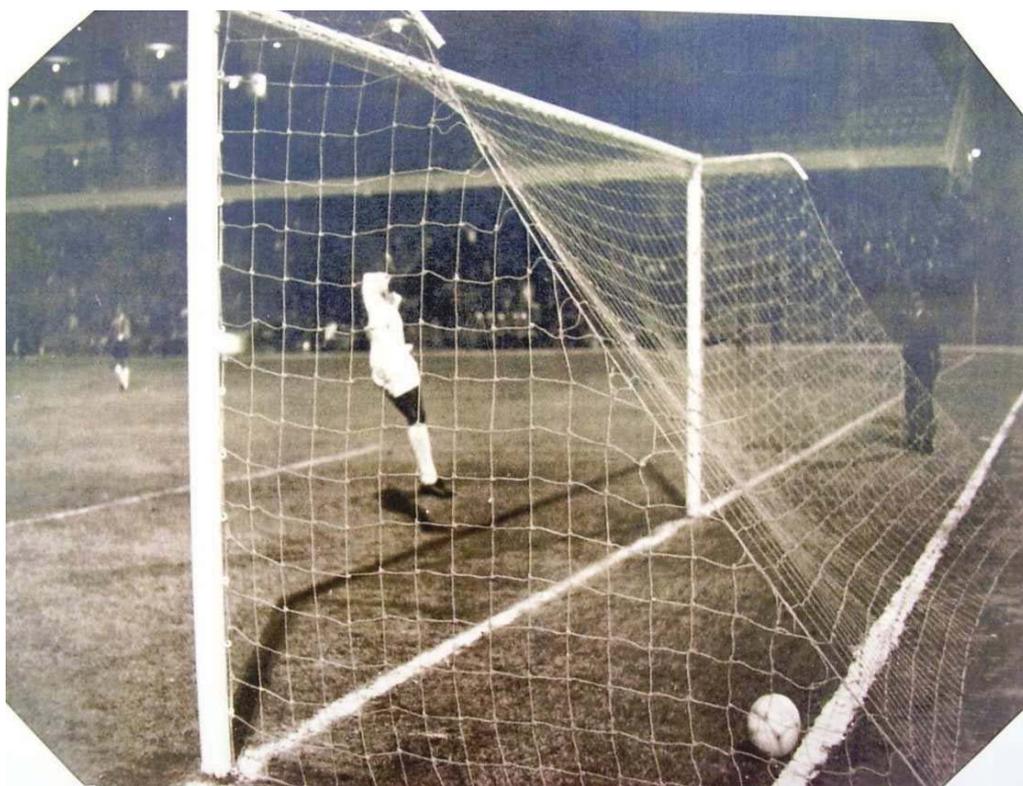


Figura 15: Gol de Pelé no Colosso da Lagoa

Fonte: Acervo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

Mas o entusiasmo não se restringia apenas às quatro linhas. A adoção de uma Tocha Olímpica durante o ato inaugural foi uma idéia de Nilton Campagnolo, emérito ypiranguista. A idéia para que uma Tocha Olímpica permanecesse acesa no estádio foi bem aceita pela direção. Do estádio da Montanha, a tocha foi conduzida por atletas juvenis num caminhão do Corpo de Bombeiros e, no estádio do Colosso, ficou como sinal vivo do espírito esportivo nos dias de jogos (DIÁRIO DA MANHÃ, de 2 de setembro de 2010). A tocha servia como representação dos novos ares de glória que se alumiavam no

futuro do clube – e porque não, sobre a comunidade erechinense. O estádio representava um marco na história do clube, mas não somente. A comunidade local vislumbrava a construção do estádio e seu evento de inauguração como marco de novo pioneirismo, representação de uma nova perspectiva de modernidade e aproximação com os grandes centros do país.

Dentro das festividades de inauguração do Estádio Colosso da Lagoa, a direção do Ypiranga não se esqueceu dos atletas que já haviam contribuído na construção da história do clube. No dia 20 de setembro, data da realização do Atlãga, foi realizada pela parte da manhã uma solenidade no Cemitério Municipal, junto ao jazigo de Plínio Parenti, ex-atleta do clube. Ali foram depositadas uma coroa e muitas flores. Danton Hartmann, nesse ato, fez um discurso que emocionou os presentes. O ato buscou simbolizar a transição do passado para o futuro, da acanhada estrutura amadora para uma estrutura profissional, digna das grandes agremiações esportivas. O clube poderia agora sonhar com grandes feitos e a comunidade local se orgulhar da sua cidade. (Diário da Manhã, 2 de setembro de 2010).

O Ypiranga jogou três partidas durante o evento, enfrentado o Esportivo de Bento Gonçalves, o Ta-guá, tradicional adversário do município de Getúlio Vargas, e o arqui-rival Atlântico. O anfitrião venceu todos os seus jogos, e soprou luzes de um promissor futuro na sua nova casa. As vitórias contagiavam ainda mais os torcedores e a perspectiva da venda de novos títulos patrimoniais, o aumento do quadro de associados e a renda das bilheterias deram a impressão que o clube subia os degraus do panteão dos grandes clubes do futebol.

Um registro fotográfico do dia 2 de setembro de 1970, durante o festival de inauguração mostra o estádio lotado e as ruas nos arredores do estádio completamente tomadas por automóveis:



Figura 16: Vista aérea do Colosso da Lagoa durante a inauguração

Fonte: Acervo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

Para o cronista esportivo Meirelles Duarte (2012), o Festival de Inauguração foi um evento realmente grandioso. “Eu estive na tribuna de honra com o bispo de Passo Fundo, o representante do Governo do Estado, vieram ainda representantes da CBF lá do Rio de Janeiro. Todas as entidades deram todo o prestígio e todo o apoio” comentou o cronista. Ele conta que um dos grandes momentos do Festival foi o gol de Pelé:

Eu estava transmitindo todos os jogos do Festival de Inauguração. E estava trabalhando quando o Pelé fez o seu gol no estádio. Foi o gol 1040 na sua carreira. O pessoal da rádio Tupi, perseguia o Pelé em todos os jogos que ele fazia, com uma camiseta com o número 1040, que era o prefixo da rádio. Esse pessoal da rádio estava dando azar, pois já faziam dois jogos que o Pelé não marcava. Antes do jogo ele mostraram para todos os erechinenses a camisa e quando o Pelé marcou o gol, entrou o pessoal da Tupi e trocou a camisa 10 pela 1040. (MEIRELLES DUARTE. Entrevista concedida em agosto de 2012).

Para o cronista a grande mobilização para a inauguração também foi um momento que precisa ser destacado na história do Ypiranga:

Cada jogo era uma festa, todos os jogos haviam um grande público. Em alguns jogos chegou a chover, mas não impedia o público de assistir os jogos. Eu não tenho dados sobre renda e informações sobre lucro, mas aparentemente deu muito certo, eles trouxeram os clubes mais caros do Brasil, todas as pessoas queriam assistir. Somente de Passo Fundo lotavam quatro ou cinco ônibus cada noite para ver os jogos, mais Getúlio Vargas e Chapecó. (MEIRELLES DUARTE, 2012).

Mas apenas aparentemente. Pungan (2012) destaca que a noite com o maior público foi quando jogaram Santos e Grêmio. Nas outras noites o público ficou aquém do que era esperado. Inicialmente as pessoas não vieram para Erechim em função da chuva, e posteriormente, porque o acesso para Erechim era muito difícil. As estradas que chegavam na cidade não eram pavimentadas, mesmo a av. Sete de Setembro tinha apenas uma das vias calçadas. Mesmo assim, estiveram em Erechim pessoas de diferentes pontos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná para ver os grandes clubes brasileiros com os jogadores que haviam sido campeões mundiais em 1970.

Meirelles Duarte (2012) enfatiza que muito mais que uma obra física, o Colosso da Lagoa, juntamente com o Festival de Inauguração, ajudaria o Ypiranga a se consolidar no cenário do futebol. E principalmente, ser reconhecido por outros grandes times do país e do exterior como um grande clube desportivo.

Pungan (2012) destaca que um dos problemas do Festival de Inauguração foi o fato de ter chovido muito durante a semana. Por conta disso, a renda que se esperava contabilizar não aconteceu e o clube acumulou significativos prejuízos. A interrupção na venda de títulos resultou na impossibilidade de se construir uma praça esportiva atrás do estádio, além de outros projetos que o clube tinha. A ideia era que as famílias viessem para o Colosso da Lagoa. Que o pai fosse assistir ao jogo e a mãe e as crianças fosse para as piscinas, para o ginásio ou ainda para as outras estruturas de lazer e recreação que o clube pretendia edificar.

Assim relata Pungan (2012) as dificuldades financeiras que se seguiram após o festival e a decepção com os projetos frustrados:

Depois da inauguração do Colosso da Lagoa o Ypiranga seguiu sempre com muitas dificuldades financeiras, como todos os outros clubes. Até hoje ele consegue se manter com um número muito pequeno de pessoas cobrindo os rombos que acontecem todo o final do mês. O que as pessoas não entendem é que o futebol é da

sociedade, todos deveriam se unir em torno de clube e ter orgulho disso. Não é qualquer cidade do interior que tem um estádio como nós temos aqui, isso deveria trazer orgulho para a cidade e para a população. Mas eu sempre vejo que as pessoas preferem torcer para Grêmio e Internacional em uma poltrona do que ir no campo de futebol, onde você faz amigos, conhece pessoas e passa três ou quatro horas criando novas amizades. A pessoa que assiste o futebol em casa não faz novas amizades (PUNGAN, 2012).

Em 1970 o futebol brasileiro alcançava seu auge até então. Os jogadores da seleção brasileira de 70, e principalmente, os atletas do Santos FC e Botafogo, base do selecionado nacional, eram vistos como heróis pela população. A intenção dos dirigentes do Ypiranga, através do Festival de Inauguração, foi de utilizar essa imagem vencedora incrustada no imaginário coletivo, para criar uma imagem de superioridade sobre seus adversários locais, bem como, captar recursos financeiros através da bilheteria dos jogos.

Porém, se para o público externo o evento foi um grande sucesso, captando a atenção dos profissionais da área esportiva presentes e atraindo a atenção de torcedores de diversas cidades do sul do país, internamente, nos bastidores, o Festival trouxe perdas financeiras significativas, não alcançando as metas esperadas.

Com base nas informações trazidas no quarto capítulo, momentaneamente o Ypiranga FC teve êxito na construção de uma imagem superior, vitoriosa, sobre seus rivais. Mesmo que esta efêmera superioridade não tenha perpetuado no tempo. Em função das dificuldades financeiras que se seguiram, o clube não conseguiu se manter na vanguarda do esporte como esperavam seus dirigentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho iniciou com uma pergunta: “o que é o futebol?”. A definição feita por Hilário Franco Júnior (2007), enfatiza que é verdade que o futebol não é realidade em si, mas é a fuga do real, ou seja, a representação imaginária. Ele não se diferencia do cinema ou do teatro, da literatura e das artes em geral. Assim como essas formas culturais, o futebol expressa, repensa e reconstrói idealmente a sociedade, ainda que a sua maneira. Bill Shankly, gerente e técnico de futebol do Liverpool entre 1959 e 1974, falou que algumas pessoas pensam que o futebol é mais importante que a vida e morte, mas que elas estão enganadas: o futebol é muito mais sério que isso (FRANCO JÚNIOR, 2007).

Foer (2005) relata um fato para tentar definir o sentimento do homem com relação ao futebol:

Dois criminosos trancafiados numa prisão de Franco realizam uma fuga perfeitamente planejada. Coordenam a ação de modo a poderem assistir ao jogo do Barça com o Real Madri no Camp Nou. Por força da boa sorte, os fugitivos presenciaram a vitória do seu Barça. Agora têm a liberdade e o triunfo. Dali em diante, bastava seguir o roteiro estabelecido em dezenas de filmes policiais e pegar a estrada. Mas eles desempenhavam seus papéis como homens da Catalunha, não como atores de Hollywood: curados de seu rauxa pelo Barça, eles retornam ao presídio onde tinham sofrido por tanto tempo. Procuraram um guarda e se entregaram (FOER, 2005, p. 180).

A metáfora transcrita acima demonstra que o futebol tem sua própria lógica, e que nem sempre se orienta por roteiros estabelecidos.

Este trabalho observa o futebol como uma metáfora para entender a sociedade onde vivemos. Este esporte em si, traz consigo muito das teias de representações que envolvem os indivíduos de uma sociedade. As regras deste esporte representam um modelo de sociedade ao qual estamos imersos. A maneira com que muitos indivíduos da sociedade vivenciam este esporte é a maneira com que eles vivenciam a vida em si.

O futebol pode ser associado à dança, à guerra, à linguagem, à literatura. Ele permite reflexões relativas à estética, à ética, à lógica, à geometria ou a física. A complexidade do futebol contrasta com sua

simplicidade aparente, e é certo que através dele conseguimos nos ver de maneira melhor.

O trabalho buscou discutir de que maneira um esporte, associado a um espírito de competitividade presente em nosso cotidiano, consegue transformar uma paixão em uma obra física, de ferro e concreto armado. Uma obra reconhecida como o maior cartão postal de Erechim, o ponto turístico mais visitado da cidade. Este espírito de competitividade aliado à secularização, produtividade, igualdade de chances, supremacia dos mais hábeis, especialização de funções, qualificação de resultados e fixação de regras passaram a ser mais observados pelos pesquisadores a partir da revolução industrial e estão incorporados no cotidiano das cidades contemporâneas.

A construção do Colosso da Lagoa reflete, portanto, não apenas um espírito de rivalidade entre dois times de uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul, mas uma perspectiva de pensar o esporte como uma ferramenta utilizada para demonstrar a superioridade diante do “outro”.

O modelo de colonização da cidade de Erechim foi diferente de outras regiões do Rio Grande do Sul. Ao contrário de outras regiões, oficialmente, foi a máquina do Estado quem primeiro chegou ao território hoje chamado Alto Uruguai, instalando a Comissão de Terras em 1908, que organizava a ocupação local através de lotes concedidos aos imigrantes europeus.

A cidade teve seu traçado viário planejado e foi colonizada por imigrantes de diferentes países, falando diferentes línguas e com diferentes usos e costumes. Este modelo fez com que os diferentes grupos étnicos se reunissem entre si para, entre outras atividades, praticar esporte. Logo os diferentes grupos passaram a desenvolver, em algum nível, as rivalidades locais típicas do ambiente esportivo, que podem ser ilustradas através da tríade da rivalidade: torcedor, time e patrimônio.

A rivalidade no futebol em Erechim tem início com o Brasil Team e o Ítalo Brasileiro. Posteriormente se estabelece entre o Ítalo Brasileiro e o Ypiranga e após a implantação do Estado Novo transforma-se no Atlântica (Atlântico e Ypiranga). Pode-se afirmar que o Atlântica foi a rivalidade que por mais tempo movimentou os torcedores de Erechim, trazendo um espírito de competitividade capaz de produzir espetáculos futebolísticos memoráveis. Este sentimento de rivalidade inerente ao futebol, e que também estava presente em

Erechim, foi capaz de motivar as pessoas a erguer um grande estádio. O Colosso da Lagoa, que comportava toda a população de Erechim na época.

Este sentimento de rivalidade positiva foi capaz envolver as comunidades locais na construção de um patrimônio, material e imaterial, capaz de moldar a identidade de um grupo social. A rivalidade serviu para motivar, superar dificuldades e unir pessoas na busca pelo rompimento de barreiras físicas, geográficas ou financeiras.

Motivados pelo espírito de competitividade os dirigentes do Ypiranga iniciaram em 1963 uma original e pioneira mobilização popular para concretizar um grande sonho: a construção de um estádio de futebol. Através da venda de títulos patrimoniais e societários, promoções e ações de marketing, foi possível mobilizar segmentos variados da comunidade local, para movimentar um volume financeiro suficiente para edificar um dos maiores estádios do interior do sul do país.

Mas não bastava apenas erguer um gigante de concreto armado, se fazia necessário atrelar através dele toda a atenção dos torcedores e da imprensa esportiva, já que o futebol brasileiro à época representava o ápice do esporte no mundo. Para isso, os dirigentes organizaram um evento em que estavam reunidos os melhores atletas do futebol mundial. O Festival de Inauguração cumpriu seu objetivo enquanto ação de marketing, pois tanto o estádio quanto a cidade de Erechim ficaram em evidência durante este período. Contudo, mostrou-se desproporcional com a realidade financeira do clube.

O Colosso da Lagoa não é apenas uma obra de ferro e concreto armado edificado na Avenida Sete de Setembro. Ele traz consigo toda força simbólica de uma nova maneira de ver a sociedade, que o futebol passou a representar desde o estabelecimento das suas regras.

REFERÊNCIAS

ALBA, Jorge Antônio. *Memórias do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico da cidade de Erechim*. Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008.

ALVES, Rubem. *O Futebol Levado a Riso*. Lições do Bobo da Corte. Campinas, Versus Editora, 2006.

ASA, Briggs; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BECKER, Jean-Jacques. *A opinião pública*. In RÉMOND, René (org.) Por História Política. Rio de Janeiro: UERJ/FGV, 1996, p. 185-212.

BENTANCUR, Paulo. *Erechim no coração do Mercosul*. Erechim: Edelbra, 1999.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Ed. UNISSINOS, 2006.

CALLIARI, Fernando Hervé. *CER Atlântico: uma história de conquistas*. Erechim: Edelbra Gráfica Editora, 2001.

DUCATTI NETO, Antonio. *O Grande Erechim e sua História*. Porto Alegre, EST, 1981.

FRAGA, Gerson Wasen. *“A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: Nacionalismo, Civilização e Futebol na Copa do Mundo de 1950*. Tese apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob a orientação do Prof. Doutor Cezar Augusto Barcellos Guazzelli. 2009.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Tradução: MEDEIROS, Carlos Alberto. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

FONT, Juarez Miguel Illa. *Serra do Erechim: tempos heróicos*. Erechim: Carraro Ltda., 1983.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao Sol e à Sombra*. Tradução: NEPOMUCENO, Eric; BRITO, Maria do Carmo; FARACO, Sérgio; SSÓ, Ernani. Porto Alegre, L&PM, 2004.

GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da Cultura*. In: A interpretação das culturas. 1ª Edição. Rio de Janeiro, LTC, 2008.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. Tradução: BRANT, Wanda Nogueira Caldeira; NUNES, Marcelo de Oliveria. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol: Estudos antropológicos do significado do futebol brasileiro*. Niterói, RJ: EDUFF, 1998.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica do Brasil: O caso da Copa de 70*. Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob a orientação do Prof. Doutor Antonio Pedro Tota. 2006.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos Guazzelli. *500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: Construção da "Província de Chuteiras"*. Porto Alegre: Anos 90, 2000.

HOBSBAWM, Eric; TERENCE, Ranger. *A Invenção das tradições*. Tradução: CAVALCANTE, Celina Cardim. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2012.

HOBSBAWM, Eric. Nação e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. Tradução: PAOLI, Maria Celia; QUIRINO, Anna Maria. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

JEANNENEY, Jean-Noël. *A mídia*. In RÉMOND, René (org.) *Por História Política*. Rio de Janeiro: UERJ/FGV, 1996, p. 213-230.

MASCARENHAS DE JESUS, Gilmar. *Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. *Imaginário e Poder: A Dinâmica dos Grupos Ligados a uma Organização de Futebol*. Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná. 2002.

MORATO, Marcio Pereira. *A dinâmica da rivalidade entre Pontepretanos e Bugrinos*. In: DAOLIO, Jocimar. *Futebol, Cultura e Sociedade*. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2005.

OLIVERIA, Elvira. *Futebol: Das peladas à Copa do Mundo*. Editora Abril, 2000

PEREIRA, Lamartine. *Biblioteca educação é cultura: Esportes*. Rio de Janeiro, Bloch, 1980.

SILVA, Nadir Pereira da. *A história de um grande clube*. Erechim, s/n, 1993.

OLIVERIA, Elvira. *Futebol: Das peladas à Copa do Mundo*. Editora Abril, 2000

VIGARELLO, Georges. *O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas*. In História do Corpo. Editora Vozes, Vol. 3, 2008.

ZAMBONATTO, Aristides A. *Os meus Erechim*. Edelbra 2000.

WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WOJCIEKOWSKI, Gleison Juliano. *Harmonia tonal e positivismo: uma análise dos repertórios da Orquestra de Concertos de Erechim na década de 1950*. Erechim: Allprint Varella, 2012.

www.yfc.com.br/site/?l=1, acessado em 29-06-2012

Fontes Primárias

A VOZ da Serra. Erechim, 28 de novembro de 1971.

A VOZ da Serra. Erechim, 30 de julho de 1970.

A VOZ da Serra. Erechim, 3 de setembro de 1970.

CÂMARA, TV. *Especial 40 anos do Colosso da Lagoa*. 2010.

DIÁRIO DA MANHÃ. Erechim, 15 de agosto de 1991.

DIÁRIO DA MANHÃ. Erechim, 20 de agosto de 1994.

DIÁRIO DA MANHÃ. 2 de setembro de 2010.

DM REVISTA. Erechim, 28 de fevereiro de 1999.

FOLHA ESPORTIVA. São Paulo, 12 de agosto de 1970.

JORNAL J Albet – Rumos. Erechim, 6 de setembro de 2000.

TRAMONTINA, Euclides. *Áudio Rádio Erechim 1964*.

Entrevistas Realizadas

DIAS BASSO, Francisco. Radialista. Entrevista realizada em 2012.

MEIRELLES DUARTE, Antônio Augusto. Cronista Esportivo. Entrevista realizada em 2012.

PUNGAN, Chico. Patrono do Ypiranga. Entrevista realizada em 2012.